

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

**“Um lugar sem preocupações”: cidade, ditadura e memória em  
São José dos Campos – SP (1970-1980)**

VINÍCIUS RODRIGO DE SOUZA COUTO FARIA

VINÍCIUS RODRIGO DE SOUZA COUTO FARIA

**“Um lugar sem preocupações”: cidade, ditadura e memória em  
São José dos Campos – SP (1970-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Marta Emília Jacinto Barbosa.

Uberlândia, outubro de 2021

VINÍCIUS RODRIGO DE SOUZA COUTO FARIA

**“Um lugar sem preocupações”: cidade, ditadura e memória em  
São José dos Campos – SP (1970-1980)**

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Drª. Marta Emísia Jacinto Barbosa

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

(Orientadora)

---

Profª Drª Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

---

Profº Me. Diego Marco Silva Leão

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

## **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família e, em especial, à figura de minha avó: Wanda Silva. A presença de meu avô (carinhosamente apelidado de “parente”), minha tia e prima também são, sem quaisquer dúvidas, os motivos que me fizeram, antes mesmo de pensar em escrever esta pesquisa, decidir entrar na universidade.

Falar da cidade em que nasci e experienciei diversos anos da minha formação humana, emocional e escolar é, sem dúvidas, um desafio e emoção ao mesmo tempo. Falar sobre migrantes, sobre moradia e diversos outros temas presentes neste texto contém, o que considero a maior potencialidade da História, a capacidade de falarmos de nós mesmo e, a partir disso, construir possibilidades de mudanças e futuros melhores.

Na vinda para uma cidade tão distante de todos meus familiares e amigos de São José, as dificuldades estiveram presentes. Nos primeiros meses, a sensação de mudança e, em certa medida, uma falta de raízes no local causam estranheza e certo sentimento de solidão. Porém, tais sentimentos são normais em momentos de mudança e não representam nem 10% do estado em que me encontrei, estando em profunda felicidade e êxtase por vivenciar um novo mundo, nova cidade, nova etapa na cidade e, principalmente, novas relações que me fizeram crescer e mudar.

Já em Uberlândia, não poderia deixar de agradecer três grupos. O primeiro, minha orientadora e minha outra “orientadora”, as professoras Marta e Regina. Desde o final de 2017 sempre me emocionei, ri, chorei, desabafei e fiz de tudo na frente de vocês e, certamente, só fiz por me sentir acolhido e amado. Para além da relação acadêmica que desenvolvemos em tantos anos através das disciplinas, grupos de estudo e outros espaços, uma sincera relação de amizade foi desenvolvida. Agradeço profundamente pelos diversos tipos de ajuda que a mim direcionaram e que, certamente, sem eles hoje eu não estaria defendendo tal pesquisa ou, até mesmo, presente na UFU. Conversas sobre a vida, comida, historiografia, entre outros temas me fizeram enxergar a história de outra maneira, indo muito além de uma simples relação mestre-estudante. Obrigado!

O segundo grupo que gostaria profundamente de agradecer são meus colegas do LABHECC. Me faltam palavras para descrever as intensas aventuras, momentos incríveis, outros nem tanto, assim como diversas experiências que compartilhamos e continuamos a viver

juntos e juntas. Desde as reuniões nas salas durante horas e horas, os mergulhos nas viagens que fizemos juntos pela Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, o frio e a felicidade (talvez uma das mais sinceras sentidas até então) da viagem para a PUC-SP em 2019, as eternas tardes compartilhadas no bloco 5M divididas entre estudos e conversas nada acadêmicas, tudo isso foi mais leve, mais alegre, mais emocionante com todos e todas vocês. À Ana, Nathália, Dyovanna Isadora, José Guilherme, João, Marcos Paulo, Beatriz e Lenon, os meus mais sinceros abraços e agradecimentos. Também não poderia deixar de falar aqui dos meus inúmeros amigos e amigas de turma e mesmo de outros cursos. Todas as conversas foram sempre ótimas, alocadas entre uma fofoca, uma discussão, uma risada e outros momentos. Meus abraços para Rafaela, Matheus Nobre, Andressa, Cristiano, Felipe Palazzo (todos e todas da História), Jennifer, Quezia, Luis, um muito obrigado a vocês!

O último grupo que gostaria de agradecer não é bem algo a ser dito no plural, mas sim no singular. Gostaria de agradecer, talvez um dos mais especiais e profundos, ao Samuel. Me aturando enquanto companheiro, namorado, amigo, camarada, crítico acadêmico e diversos outros personagens que somos ao longo de anos juntos, só tenho a agradecer pela paciência e por ter sido tudo isso, e muito mais, comigo. Desde maio de 2017 nós viemos crescendo, estamos no processo e, com toda a certeza, nunca estagnaremos no processo de nos desenvolvermos juntos enquanto tudo isso dito acima. Muito obrigado pelos abraços em momentos tão difíceis, pelos sorrisos diários, pela convivência e mudanças ao longo de tantos semestres juntos nessa vida acadêmica. Ter conhecido alguém assim, de outro curso, outra realidade, outra cidade foi, do mesmo modo como meus amigos e amigas, algo que foi planejado pelo destino para nos encontrarmos e criarmos laços tão intensos e amorosos.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia que vem, desde 2017, me proporcionando o momento de mudança e amadurecimento que tive. Sempre almejei entrar na universidade e tinha isso como certeza. A UFU, junto de um corpo docente extremamente qualificado, técnicos e técnicas muito competentes e diversos organismos dentro de seus campi me construíram enquanto profissional que saíra desde instituição de ensino superior pronto para o ensino e aprendizagem. Apesar de todas as dificuldades colocadas pelos projetos políticos de gestões vindas desde 2017, a UFU, e nem sempre por vontade própria da totalidade de suas organizações, propiciou oportunidades de estágios e outros espaços riquíssimos para a formação acadêmica e profissional. Certamente, sem tudo isso, não teria chegado ao final do curso. Devemos continuar na defesa de espaços formativos como o PIBID e a Residência

Pedagógica que são, para além de importantes projetos de pesquisa-ensino-extensão, meios de fomentar a permanência estudantil tão importante para todos nós. Nos ligam ao ambiente escolar e ao desenvolvimento dos projetos para a educação no Brasil. Obrigado a todos colegas que estiveram comigo nesses projetos e, principalmente, para o professor Leonardo e a professora Tamyris. Desde que os conheci, em momentos muito distintos de formação, maturidade, conhecimento e conjuntural, sinto que cresci enquanto profissional de uma maneira que não consigo descrever em relatórios e aqui neste parágrafo, mas que transparece no momento de atuação profissional. Vocês dois são, certamente, grandes inspirações para mim e todos e todas estudantes que tiveram, tem e terão contato com vocês. Muita força e coragem para seguirmos nos aprimorando, sempre estudante e seguindo na luta contra todo projeto educacional que vise destruir a educação pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço, por fim, ao Arquivo Municipal de São José dos Campos e ao projeto Pró-Memória da Prefeitura Municipal de São José dos Campos em parceria com a UNIVAP. Em um contexto pandêmico que dificultou notoriamente o desenvolvimento das pesquisas que necessitavam de acesso aos arquivos, a disponibilização de tamanho número de fontes no modelo online contribuiu grandiosamente para a viabilidade da presente pesquisa.

Desde a concepção de seu projeto, as fontes e objetos mudaram, mas o interesse pela cidade, pelo espaço urbano sempre se mantiveram. Espero que, assim como em meu caso, o interesse dos historiadores e historiadoras pela temática do espaço urbano cresça no mesmo nível que os problemas das cidades causados por esse modo de produção também aumenta. É nosso dever seguir na luta por uma sociedade mais justa, em que todos possamos ter acesso aos direitos mínimos e oportunidades de estudo e crescimento para, em plena liberdade de conservadorismos e opressões, sermos o máximo de nós mesmos.

Para todos os citados e citadas, o meu mais sincero obrigado.

## **Sumário:**

Resumo.....	p. 08
Introdução.....	p. 09
Capítulo I: “Um negócio sob medida”: cidade, economia e capitalismo.....	p. 12
Parte 1.1 – História e Cidade.....	p. 12
1.2 – O Brasil e a São José dos Campos da segunda metade do XX: modernidade como norma.....	p. 16
Capítulo II – “As medidas de um bom negócio”: cidade, fotografia e padrões temáticos-visuais.....	p. 30
2.1 – Cidade e fotografia.....	p. 30
2.1 – Padrões temáticos visuais.....	p. 33
2.2.1 – Relação cidade-natureza.....	p. 34
2.2.2 – Infraestrutura.....	p. 37
2.2.3 – Multidão e circulação urbana.....	p. 41
Considerações Finais.....	p. 52
Fontes.....	p. 54
Bibliografia.....	p. 56

## **Lista de figuras:**

Figura 01: Mapa de SJC, anos 1940 .....	p. 28
Figura 02: Mapa de SJC, anos 1940.....	p. 29
Figura 03: Vista de São José dos Campos a partir do Banhado .....	p. 36
Figura 04: Banhado e os prédios do Centro.....	p. 37
Figura 05: Ponto de ônibus da Praça Afonso Pena (Centro).....	p. 38
Figura 06: Obra de abertura da Avenida Fundo do Vale.....	p. 39
Figura 07: Recepção do urbanista Lucio Costa pelo prefeito Ednardo Santos.....	p. 41
Figura 08: Construção do “Teatrão”, anfiteatro no bairro Vila Industrial.....	p. 42
Figura 09: Shopping Centro e rua movimentada.....	p. 44
Figura 10: Rua Quinze de Novembro durante uma segunda-feira.....	p. 45
Figura 11: Avenida São João numa terça-feira.....	p. 46
Figura 12: Lançamento de aeronave durante visita do presidente Geisel à SJC.....	p. 48
Figura 13: Desfile no aniversário da cidade.....	p. 49
Figura 14: Desfile do 1º de maio de 1977.....	p. 50
Figura 15: Entrega de casas embriões no Campo dos Alemães .....	p. 51



## **Resumo**

Partindo das questões em torno de como a cidade se moldou e dos interesses dos grupos sociais por essa urbanização e memória do processo, esta pesquisa tem como foco a cidade de São José dos Campos, localizada no interior do estado de São Paulo. Logo, na segunda metade do XX temáticas como cidades médias, urbanização, industrialização e desigualdades urbanas serão presentes ao longo da pesquisa. Nesses processos que envolviam os sujeitos que a ocupavam e que nela tinham sua morada, emprego e todo um modo de vida, esta pesquisa busca compreender como se criou uma memória de bem-estar social na cidade e a centralidade da discussão do tripé história-memória-cidade. Para tal pesquisa, uma gama de fontes como documentos oficiais, propagandas e, com maior relevância, fotografias são essenciais. O diálogo com outras áreas, como a Geografia, Arquitetura e Urbanismo e as Ciências Sociais será de grande importância para a análise, junto da própria História, dos sujeitos e do meio em que estavam inseridos. Diversos autores como David Harvey, Heloísa Faria Cruz, E.P. Thompson e outros atrelados à pesquisa de viés social serão fundamentais para a realização desta pesquisa.

**Palavras-chaves:** Espaço urbano; São José dos Campos; Ditadura; Fotografia; Memória;

## Introdução

Dia 13 de junho de 2019. A notícia da aba de economia do periódico regional *O Vale* traz informações sobre um novo empreendimento da Prefeitura Municipal de São José dos Campos e da iniciativa privada, denominado “Cidade Tecnológica”. Segundo as palavras do prefeito Felício Ramuth (PSDB): "É desenvolvimento urbano na área de inovação"<sup>1</sup>.

Desde sua entrada de modo mais expressivo no cenário regional e estadual, a cidade de São José dos Campos (SJC), no interior de São Paulo, possui complicada inserção vida política e econômica. Entre interventores sanitaristas e, anos depois, escolhidos do governo civil-militar a cidade atravessa uma dificuldade na inserção democrática de fato. Tal processo se faz presente no planejamento macroeconômico do município e, em como coloca Milton Santos, na economia política da cidade e, de outro lado, na economia política da urbanização.<sup>2</sup>

Desde sua entrada na lógica desenvolvimentista do pós-guerras, o cenário econômico, social e político mudou drasticamente no Brasil. Industrialização, urbanização, planejamentos do urbanismo, migração eram processos recorrentes e presentes no cotidiano da população, em especial nas cidades grandes e médias do eixo Sul-Sudeste e capitais do Nordeste. No passado, a doença, os tísicos e toda a rede econômica e assistencialista configuraram o espaço urbano da cidade foco desta pesquisa, mas nas décadas seguintes, organizadas pelos processos citados acima e pela inserção do Brasil em um novo momento da divisão internacional do trabalho, o espaço urbano de São José dos Campos ganha destaque regional e nacional pela intensidade do processo de intervenção no espaço construído e da organização de um município em torno do urbanismo intervencionista e do Estado centralizador voltado às indústrias.

Se em pleno cenário de crescimento de empregos, migrações, construções de bairros cada vez mais numerosos em relação a sua divisão em lotes, como pode uma questão “não material” como a memória ser o foco de um texto? Aos mais próximos das discussões acerca do tripé cidade-memória-história tal indagação logo se mostra elucidada. O espaço urbano

---

<sup>1</sup> ALVES, Xandu. **São José terá condomínio para 'Cidade Tecnológica'**. *O Vale*, São José dos Campos, 08 de junho de 2019, Economia.

<sup>2</sup> SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 114.

carrega em si as rugosidades<sup>3</sup>, os rastros das memórias e da atuação sobre a cidade, assim como sua apropriação por parte dos sujeitos em seu cotidiano e como ela é e aparece para eles.

Em sua pesquisa “Modos de vida da cidade pequena na cidade grande”, Lucia Limiro realiza um estudo de caso do setor 13 de SJC em busca de, em diálogo com a etnografia, perceber a relação entre experiência, embora não utilize do conceito, e planejamento urbano verticalizado<sup>4</sup>. Para a historiadora, a acelerada urbanização do município do interior paulista é um objeto rico para pesquisas que tem como objeto problemáticas que vão para além do estudo da macroeconomia e de dados estatísticos. A pesquisa do cotidiano, assim como da cultura, memória e atuação dos sujeitos e suas disputas oferece, segundo a autora, uma oportunidade de se entender o espaço urbano em sua totalidade, assim como tecer diálogos entre disciplinas e áreas do saber próximas à História, como a Geografia, o Urbanismo, etc.<sup>5</sup>

Em um município que comporta, concomitantemente, 1/3 de sua população vivendo com meio salário mínimo mensal per capita<sup>6</sup> e a já tradicional instalação de grandes multinacionais e estatais que configuram vias e outros equipamentos públicos em torno de si, o estudo do planejamento público – ou da autoconstrução – carrega potencialidades para entender os porquês das rugosidades, ditas por Santos, serem como são, o porquê do investimento em áreas como praças e parques ter destaque e da idealização de bairros ser como é.

A arquiteta brasileira Rose Compans contribui para a problematização e entendimento das indagações que levam tal pesquisa adiante. Escrevendo sobre a década de 80 do XX em diante, Compans questiona ao leitor os motivos que levaram o planejamento urbano brasileiro a outro patamar após a redemocratização. Independente das diferenças de espaços e tempos, o livro “Empreendedorismo urbano” desencadeia a reflexão sobre a relevância das permanências e rupturas na cidade por conta da mudança no modo de acumulação capitalista<sup>7</sup>. Ao falar sobre a ligação entre o Rio de Janeiro e Barcelona com seu planejamento, Compans nos chama a atenção para pensarmos a adequação do espaço ao modo de produção, a transição de um Brasil

---

<sup>3</sup> SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 140.

<sup>4</sup> LIMIRO, Lúcia de Almeida Terra. **Modos de vida da cidade pequena na cidade grande e análise das práticas de planejamento urbano municipal de São José dos Campos**: um estudo de caso no Bosque dos Eucaliptos. 2006. 225f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, UNIVAP, São José dos Campos.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>6</sup> IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: São José dos Campos/Trabalho e rendimento 2017. Rio de Janeiro, 2017.

<sup>7</sup> COMPANS, Rose. **Empreendedorismo urbano**: entre o discurso e a prática. São Paulo: Ed. UNESP: ANPUR, 2005.

mais agrário para uma industrialização, mesmo que incipiente e concentrada em localidades em nosso caso e da leitura do espaço da cidade como uma rica fonte para entendermos os processos históricos.

A partir dos pressupostos apresentados por Milton Santos, Rose Compans e Lucia Limiro, assim como David Harvey, Henri Lefebvre, E.P. Thompson e outros e outras, a presente pesquisa tem como objetivo contribuir para esse debate entre cidade e memória ao utilizar das fotografias produzidas pelo poder público entre as décadas de 1970 e 1980, principal fonte, e sua relação com o urbanismo, urbanização e urbanidade de São José dos Campos. Elencado tal objetivo, pode-se pensar no privilégio e discussão somente das questões envoltas nas estatísticas e dados econômicos, mas a escolha do objeto e das fontes coloca a presente pesquisa diante da materialidade que, em si, carrega as totalidades que integrarão as páginas seguintes.

No primeiro capítulo, intitulado “Um negócio sob medida: cidade, economia e capitalismo”, é discutida a conjuntura de urbanização e industrialização de SJC e, não menos importante, a produção historiográfica acerca do período na cidade, com vistas a discutir os principais projetos urbanísticos de intervenção no espaço e a migração, não como uma história da cidade, mas como a perspectiva da história urbana defendida por Charles Monteiro<sup>8</sup>. Neste capítulo ainda é feita uma discussão sobre cidade e memória, assim como sobre o uso de fotografias como fontes para o entendimento dos processos ocorridos dentro da cidade, em especial as do tipo vistas urbanas.

No segundo capítulo, intitulado “As medidas de um bom negócio: cidade, fotografia e padrões temáticos-visuais”, são apresentados os álbuns de vistas urbanas produzidos pela Prefeitura Municipal, especificamente produzidos a partir dos anos de 1970 e seus objetivos e componentes. Através do conjunto de 14 álbuns e 102 fotografias, contemplando duas décadas de produção, procuro demonstrar como o poder público municipal, através de sua propaganda, empenhou-se em conceber uma imagem de cidade segundo os ideais das classes dominantes, assim como em fazer como SJC aparecesse distante de conflitos sociais, de clima estável e sem os problemas dos grandes centros urbanos do país no período. “Essa questão de como enxergar a cidade e como representa-la em fases de intensa mudança é um desafio intimidante”.<sup>9</sup> Na linha do geógrafo britânico David Harvey ao concordar com Walter Benjamin e Henri Lefebvre,

---

<sup>8</sup> MONTEIRO, C. Entre história urbana e história da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, v. 5, n. 1, p. 101-112, 17 out. 2012.

<sup>9</sup> HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 35.

procuro entender a cidade deste contexto em sua riqueza e totalidades para entender não só a materialidade, mas sua representação e concepções que medeiam o espaço e sujeito.

## **Capítulo I: “Um negócio sob medida”: cidade, economia e capitalismo**

### Parte 1.1 – História e Cidade

Objeto de estudo com grande destaque desde o século XIX, a cidade fascinou e continua fascinando intelectuais de diversas áreas na tentativa de elaborar metodologias, idas à campo e construção de dados para a compreensão do fenômeno urbano. Não obstante a criação e inicial desenvolvimento do Urbanismo, nova ciência, as décadas do XIX constituíram um marco até então nunca experienciado pelas mais diversas sociedades humanas. Através do desenvolvimento capitalista na Europa Ocidental e de sua divisão entre campo e cidade, essa última cresceu – organizadamente ou não – à números expressivos. Problemas de saneamento básico, a psiquê do morador das cidades, a luta por moradia, assim como diversos outros processos encontram no ambiente urbano seu ambiente fértil e origem, em alguns casos.

Discorrendo sobre a economia política de seu tempo e a relação Estado-espaço, o jovem Karl Marx, junto de Friedric Engel, em seu clássico *A Ideologia Alemã*, não oscilam em colocar a importância da cidade para compreendermos as complexas sociedades surgidas a partir de então, em especial as monstruosas cidades industriais inglesas, como Manchester e Leeds, mas também capitais da Europa continental, como Paris e áreas dos Países Baixos e do Vale do Ruhr. Para eles, um espaço ao ter contato com um novo modo de produção, logo se modifica e se iniciam novos conflitos e lutas de classes, tendo como exemplo os novos governos e modos de produção das colônias gregas e na colonização da América, em especial sua parcela do Norte<sup>10</sup>.

Nessa linha, um século depois dos autores de 1845-6, o historiador francês Fernand Braudel em sua obra *Civilização Material, Economia e Capitalismo* (volume I), nos posiciona diante da cidade como uma série de “[...] transformadores elétrico (que): aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens”<sup>11</sup>. Braudel questiona o leitor sobre o local que destinamos ao espaço urbano nas pesquisas da área de História. Passando por

---

<sup>10</sup> MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 69.

<sup>11</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo*: séculos XV-XVIII : volume 1 : as estruturas do cotidiano : o possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 439.

comentários sobre a cidade e sua definição que não delimite a dados estatísticos, o que se tem é a necessidade do uso desse espaço em sua rica historicidade. Se a cidade é esse transformador elétrico, catalisador das contradições e processos da modernidade, há a necessidade de entendê-la em sua riqueza de totalidades, que para Braudel abarca as relações de posse da propriedade privada, o grau de divisão campo-cidade, seu traçado, gênero e raça, a urbanidade e cultura urbana, até o preço das sacas de arroz das grandes cidades chinesas e as ruas e elevadores da São Salvador do XIX.<sup>12</sup>

Ainda no século XIX, diversas outras obras apresentam significativa contribuição para a base da área dos estudos urbanos. Para esta pesquisa, o já citado Friedrich Engels constitui uma importância referencial em seus trabalhos filosóficos e de campo. Primeiro, em seu livro *Sobre a questão da moradia*, Engels procura compreender como as frações da burguesia e intelectuais próximos ao movimento operário propõem resoluções para o problema da moradia, especialmente entre os sujeitos mais pobres e proletarizados do período. Em sua crítica à Proudhon, fica clara a real origem do problema de moradia e também a intenção do livro: a crítica da extração de mais-valia pela classe que não trabalha e a tentativa de pequenos-burgueses, como o referenciado assim, de transformar os trabalhadores em pequenos proprietários e repassar às cidades, a lógica semifeudal do campo. Para o inglês, tanto o pequeno-burguês Proudhon quanto a grande burguesia dos países europeus ofereceram somente saídas moralistas e que, mesmo criticando as consequências de seu modo de produção, não atacam suas origens<sup>13</sup>.

Já em seu segundo livro, base para esta pesquisa, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Engels realiza um trabalho de campo e entrevistas com os trabalhadores e as trabalhadoras das cidades completamente modificadas pela revolução industrial inglesa, ação que posteriormente será comum em diversos trabalhos próximos à Antropologia Urbana e à metodologia da história oral. Na conformidade com as preocupações citadas acima por Braudel, Engels procura elencar e analisar a totalidade da experiência desses sujeitos para compreender as mudanças no espaço urbano e rural, sua ligação com o modo de produção capitalista e outras questões importantes, como a evolução dos meios de transporte, a questão étnica da Irlanda e o movimento operário das minas de carvão<sup>14</sup>. Ambos livros citados são essenciais para a metodologia desta pesquisa, tal como para autores e autoras marxistas que, independente da

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 448.

<sup>13</sup> ENGELS, Friedrich. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 73.

<sup>14</sup> ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 45.

área de atuação, busquem estudar as cidades modernas e sua revolução urbana, conforme Lefebvre.

Diversos outros autores e autores possuem contribuições para a relação entre história e cidade, mas que aqui não serão destacados diretamente. No panorama internacional, *Metrópole e vida mental* de Georg Simmel é um dos mais notáveis textos no que se refere aos estudos sobre o ambiente e urbano e seus sujeitos. Os clássicos *Fin-de-siècle Vienna: Politics and Culture*, de Carl E. Schorske, e *Paris: a capital da modernidade*, de David Harvey, são referências no que se refere aos estudos de cidade e cultura, sem por isso preterir problemáticas econômicas estruturais.

Assim, o estudo da cidade se evidencia como um campo consolidado já há séculos, mas que se adequa a diversas áreas da divisão moderna de ciência e que também passa com constantes evoluções segundo inquietações de seu tempo. Concordando com o professor da PUC-SP e já adentrando o debate sobre história e cidade no Brasil, faz-se necessário (e se almeja neste texto) ver tal relação “[...] não apenas como uma recuperação historiográfica dos fatos que condicionaram o desenvolvimento dito histórico desta ou daquela cidade, a sucessão de estilos arquitetônicos, mais ou menos imbricados no espaço da cidade, o repertório de diagnósticos e projetos urbanísticos, por vezes incompletos, mas pensar a própria historicidade de nossos conceitos de cidade, de sua definição como lugar da História, onde ela se faz, se escreve, se define com um texto próprio...”.<sup>15</sup>

Notadamente, o debate brasileiro sobre cidade, memória e história ocupa posição importante no cenário global. No país de Milton Santos, diversas linhas de programas de pós-graduação, grupos de estudos e projetos debatem o espaço das cidades há décadas. Baseadas nas mais diversas lentes teóricas – e práticas – como o marxismo (em sua diversidade imensa), as sociologias formais, entre outras, diversas metodologias e problemáticas foram construídas, dadas as diferentes problemáticas analisadas. Aqui, somente citaremos alguns dos diversas autores e autoras que comporão a base sob a qual esta pesquisa pretende estudar cidade-história-memória na São José dos Campos de 1970-1980.

---

<sup>15</sup> FILHO, A. Torrão. História urbana. A configuração de um campo conceitual. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 8, 2015. DOI: 10.20396/urbana.v7i1.8642546. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642546>. Acesso em: 28 set. 2021.

Dentre as áreas que estudam as cidades brasileiras, tem-se que destacar três, que aqui serão as origens das principais contribuições: a História, a Geografia e a Arquitetura e Urbanismo. Contribuições como os diversos livros e toda a obra da professora da FAU-USP Erimina Maricato são centrais para a compreensão do problema urbano no Brasil e das disputas pelo solo das nossas cidades, em especial dos grandes centros. Um especial destaque da autora é seu livro Política habitacional no regime militar, importantíssimo nos debates sobre o Banco Nacional de Habitação (BNH) da Ditadura Civil-Militar e moradias autoconstruídas.

Outra arquiteta brasileira que há décadas produz pesquisas e atua nas lutas pela reforma urbana e por moradia é Raquel Rolnik. A autora, com destaque internacional guia seus livros metodologicamente na busca pelas interconexões entre legislação pública e modo de produção capitalista. Apesar de sua extensa obra sobre a cidade de São Paulo, estudos sobre Planos Diretores, entre outros aspectos da cidade no capitalismo, a autora, se munindo do método de Marx e Engels citado, recentemente busca compreender o processo de financeirização da moradia. Através de dados estatísticos, de levantamento de movimentos sociais, entrevistas, Rolnik sustenta sua tese da moradia, desde a década de 1970, estar cada mais configurada não como espaço do capital, mas sim como o próprio capital, em especial nos grandes centros e nos países subdesenvolvidos do sul-global, como o caso da cidade de São Paulo.

Por fim, se faz necessário citar autores e autoras da área da História que veem desenvolvendo nos últimos anos um diálogo entre áreas do conhecimento na busca pelo entendimento da cidade em sua gama de totalidades. Aqui, o historiador Charles Monteiro e a historiadora Zita Rosane Possamai serão o eixo sobre o qual o tripé cidade-história-memória se evidenciará empiricamente, mas também no ordenamento de suas metodologias.

Em seu artigo intitulado Entre história urbana e história da cidade: questões e debates, Monteiro elabora um panorama da historiografia brasileira dos últimos trinta anos e sua atenção às problemáticas urbanas. Debate que não aparecerá aqui, por não ser o foco, mas que contribui em grande medida para as pesquisas sobre cidade no campo da História no Brasil. Para ele, dentro os diversos conjuntos de temas para o estudo da história urbana (campo ainda em delimitação e conceituação mais definitiva) incorporaram perspectivas distintas: a preocupação com a questão de saúde, como Cidade febril de Sidney Chalhoub; a vigilância e o panóptico, influenciado pela filosofia foucaultiana, relação cidade-literatura, assim como diversas outras<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> MONTEIRO, C. Entre história urbana e história da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, v. 5, n. 1, p. 108, 17 out. 2012.



O campo que o autor se insere (e que se tem como pretensão para esta pesquisa) é a relação entre cidade e fotografia, com objetivo de se compreender a construções de novas visualidades urbanas e seu vínculo com o desenvolvimento capitalista do Brasil no século XX.

Apontando mais a relação com a fotografia – em especial as vistas urbanas – Zita Rosane Possomai, professora da UFRGS, desenvolve junto ao leitor textos metodológicos. Com certa proximidade com a historiadora Ana Maria Mauad, primordial os debates sobre imagem no campo da História, Possomai investiga conjuntos de álbuns de Porto Alegre do início do XX. Longe de ser uma realidade distinta espacial e temporalmente a esta, percebe-se a importância das imagens fotográficas para a temporalidade elencada pela autora, assim como para os anos de 1970 deste texto. Sem dúvida, o ideal modernizante e desenvolvimentista dos álbuns analisados por Possomai através de sua metodologia quantitativa e qualitativa tem permanência no cenário brasileiro ao longo de todo o século e o entendimento dessa memória e sua construção é essencial para o historiador ou historiadora que se preocupe em investigar a cidade na história.

## 1.2 – O Brasil e a São José dos Campos da segunda metade do XX: modernidade como norma

O Brasil da segunda metade do século XX era um espaço de intensa disputa política, cultural, econômica e, sobretudo, entre projetos de nação. Com a crescente inserção da nação em um novo modelo e posição na divisão internacional do trabalho após a Segunda Guerra Mundial, o país passou de um foco essencialmente agrário para uma participação expressiva da indústria de base e bens de consumo duráveis, especialmente na região Sudeste e capitais do Sul e Nordeste. Os conflitos marcavam, principalmente, o contexto de mudanças à nível global, dada a dinâmica da Guerra Fria e as políticas econômicas internacionais. O projeto de aproximação com a União Soviética por parte de setores da esquerda brasileira, tendo o Partido Comunista Brasileiro como expoente, possuía contrastes com setores do trabalhismo atrelado a Getúlio Vargas e João Goulart e com setores liberais, tendo como quadro nacional o ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Além das mudanças centrais na década de 1950 e 1960, quais outros processos seriam essenciais para o entendimento do modo de organização do espaço no capitalismo brasileiro?

Após o processo do golpe civil-militar de 1964, entendido por muitos como uma modernização conservadora, a economia brasileira teve um intenso crescimento centrado na

vinda de capital estrangeiro, como o economista Mário Luiz Possas coloca ao destacar o papel dos Estados Unidos nos investimentos em produtos manufaturados em 1965<sup>17</sup>. O foco desta pesquisa encontra-se essencialmente entre as décadas de 1970 e início de 1980, assim, o entendimento sobre o processo de industrialização de base no Brasil se faz importante, mas sem o destaque central.

Dada a necessidade de um lócus para a pesquisa, a cidade de São José dos Campos, no interior paulista, se mostrou rica para compreender a urbanização proposta pelos governos militares em comunhão com a lógica do desenvolvimento conservador brasileiro já citada. Essa escolha se dá por sua localização e por ser base de fluxos de investimentos constantes por parte do poder público e privado no período, tendo como exemplo a abertura de montadoras de veículos e estatais de grande porte.

Desde o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek e a intensa participação de montadoras nos investimentos no país, a economia brasileira se encontrou diante de um cenário de espaço aberto para o recebimento de capital excedente dos países centrais do capitalismo, com destaque dos EUA e sua doutrina de contenção dos movimentos socialistas. Dado o golpe, o poder estava extremamente concentrado e o modelo econômico baseado em empréstimos e investimentos diretos no pequeno parque industrial brasileiro teve força política para organizar, para além do sistema produtivo em si, um de seus maiores locais de domínio: o espaço urbano nacional.

O crescimento médio de 11,2% ao ano no início de 1970 delimitava um novo momento na economia brasileira, tendo como materialidade a instalação de empresas de grande porte e a construção de obras de infraestrutura pesada. Ainda, o crescimento fora ainda maior para as empresas de bens manufaturados e de bens duráveis: 12,6% e 23,6%, respectivamente<sup>18</sup>.

“Com a nossa determinação e com a participação efetiva do povo, esperamos acelerar a marcha de desenvolvimento em ritmo de crescimento da ordem de 10%...”.<sup>19</sup> O trecho, retirado do jornal *O Estado de São Paulo* em 11 de março de 1970, destaca o ideal proferido pelo então presidente militar Emílio G. Médici do desenvolvimento como necessário para a mudança do Brasil e o abandono dos pesos vindos do governo de João Goulart e dos partidos de esquerda.

---

<sup>17</sup> POSSAS, Mário Luiz. Empresas multinacionais e industrialização no Brasil. Notas introdutórias. In: BELUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; COUTINHO, Renata (orgs.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise**. V. 2. 4ª ed. Campinas, 1998, p. 24-25.

<sup>18</sup> LACERDA, A. C.; BOCCHI, J.H.; REGO, J.M.; BORGES, M.A.; MARQUES, R.M. **Economia Brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 175.

<sup>19</sup> MÉDICI assegura o direito da oposição. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 de março de 1970. Da sucursal do Rio. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700311-29117-nac-0005-999-5-not>. Acesso em: 15/09/2021.

Entre todo o discurso de investimento no campo e nas fábricas, em direitos trabalhistas, o que figura como eixo da transcrição é o constante, e cada vez maior, crescimento econômico brasileiro e seu reflexo em obras privadas, mas, sobretudo, públicas e nas capitais e também nas cidades médias em ritmo intenso de crescimento.

Além da ideologia e de algumas questões econômicas já citadas anteriormente, alguns pontos são essenciais para a compreensão do fluxo de investimentos no início dos anos de 1970 e seu impacto em nosso objeto de estudo: a cidade de São José dos Campos e seu crescimento desde o governo JK.

Empréstimos estrangeiros, altas taxas de investimento público no setor privado, um modelo de desenvolvimento integrado à economia estadunidense, entre outros aspectos marcam o momento que convencionou-se chamar “milagre econômico” na historiografia brasileira. Os debates sobre os problemas sociais no período são largos e não serão e nem caberiam neste texto, contudo alguns serão abordados para o futuro diálogo com as fontes elencadas.

Durante todos os vinte e um anos de governo militar, as desigualdades cresceram exponencialmente. Questões de raça, gênero, migração, entre outras compõem essa totalidade e o foco maior da desigualdade citada acima se encontra na concentração de renda. Os setores de maior renda, para além da posse de fábricas, mídias e empresas no geral, cresceram em salários como forma de se criar um novo – e restrito – mercado interno para os produtos duráveis já citados e inserir parte da população brasileira na lógica do consumo, em grande medida influenciada por padrões comerciais dos Estados Unidos no pós-guerra e o *welfare state*. Dentre essa parcela da população nacional figuravam cargos como funcionários públicos de médio e alto escalão, profissionais liberais e administradores. Entre 1969 e 1970, a faixa da renda nacional apropriada pelos 10% mais ricos passou de 39,7% para 47,8%.<sup>20</sup>

Outro ponto agravante da questão social no período de crescimento econômico na porcentagem de dois dígitos foi o poder de compra real de grande parte dos trabalhadores e trabalhadoras. Apesar do fluxo de capital excedente em direção ao país, principalmente no eixo Rio-São Paulo, o salário mínimo teve seu menor poder de compra de anos. Entre 1964, ano do golpe, e 1974, ano da crise internacional do petróleo, o salário real teve queda de 42%<sup>21</sup>. Mesmo com taxas próximas de pleno emprego, grande parte da população vivia com um salário mínimo ou próxima da situação de irregularidade e informalidade, conforme aponta

---

<sup>20</sup> LACERDA, A. C.; BOCCHI, J.H.; REGO, J.M.; BORGES, M.A.; MARQUES, R.M. **Economia Brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 179.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 180.

Marcio Pochmann ao falar sobre seu conceito de padrão de trabalho e a experiência geral dos trabalhadores brasileiros durante o governo militar no que diz respeito a ocupação e rendimento.<sup>22</sup>

Além disso, vale ressaltar que o “milagre econômico” teve sua existência junto ao período de maior perseguição política do regime militar. As questões em torno da memória, da propaganda e da mídia no período são, sem dúvidas, essenciais para o entendimento da economia e das práticas de resistência das oposições. A historiadora Janaina Martins Cordeiro, estudiosa da questão da memória, destaca a relação entre o governo e as lutas armadas: “[...] “as perseguições, prisões, torturas, mortes e exílios que se intensificaram nos anos do Milagre levaram à derrota política e militar do projeto ofensivo dos grupos de oposição armada ao regime”.<sup>23</sup>

Apesar de não iniciado com a Ditadura Civil-Militar (ou empresarial-militar para destacar outra perspectiva sobre o golpe), o desenvolvimentismo, enquanto ideologia e orientação para organização econômica do país, teve arranjos, motivações e uma configuração distinta do cenário democrático anterior. A lógica da Guerra Fria e da nova posição do Brasil no bloco capitalista enquanto “terceiro mundo”, mas “em desenvolvimento” configurou a disputa política, conforme dito no início deste capítulo, da mesma maneira como alterou a cultura e os agentes na economia, com novos personagens e locais de luta. A cidade, foco desta pesquisa, se mostrou como ambiente primeiro para se analisar e compreender as relações em desenvolvimento no período.

Desde o final do século XIX e início do XX, as cidades brasileiras têm tido maior contato com as intervenções urbanísticas em seu espaço urbano. Em todas as regiões do país, mas, sobretudo nas mais densamente ocupadas, bairros inteiros foram alterados drasticamente ou simplesmente removidos. Talvez, as primeiras intervenções e planejamentos sobre o espaço urbano na realidade brasileira sejam as reformas sanitaristas e o “urbanismo sanitário”, datado do início da república.

O processo do ciclo cafeeiro (localizado sobretudo nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e porções de Minas Gerais e Paraná) na virada para o século XX, destacou o eixo Sul-

---

<sup>22</sup> POCHMANN, Marcio. **Nova Classe Média?** o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 26.

<sup>23</sup> CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. In: **Estudos Históricos**, v. 22, n. 43, Rio de Janeiro - RJ, jan./jun. 2009.

Sudeste como principal foco de crescimento demográfico e foco para migrações internas e para imigrantes. Particularmente no eixo Rio-São Paulo a concentração populacional de caráter metropolitano teve maior impacto na organização espacial a partir da década de 50.

Apresentado como fenômeno único e de alta intensidade, a urbanização brasileira (a nossa revolução urbana, para já adentrarmos nos termos do filósofo Henri Lefebvre) foi rápida e diretamente vinculada à instalação de indústrias de grande porte e de serviços nos principais centros urbanos. Ao falar sobre as taxas de crescimento populacional, o geógrafo brasileiro Milton Santos destaca o aumento do índice de urbanização de 45% na década de 1960 para 68% em 1980 (período da presente pesquisa)<sup>24</sup>.

Junto das taxas de crescimento das cidades brasileiras no período, também nos é caro compreender a utilização e adequação desses espaços para a nova realidade e local do Brasil na divisão do trabalho, conforme dito no início deste capítulo. Santos também nos apresenta o conceito do meio técnico-científico-informacional que agrupa uma série de processos de remodelação do território segundo novas necessidades. Para ele, a Geografia tem um papel central nessa mudança e na necessidade de integrar o território cada vez mais complexo<sup>25</sup>. Como exemplo trago pelo autor e que tem ligação com o objeto desta pesquisa, destaca-se o desenvolvimento e interação das ferrovias e estradas de rodagem, muito vinculadas a expansão em direção ao cerrado e a construção de Brasília e seu laço com o automóvel enquanto principal responsável pela locomoção de cargas e pessoas pelo território.

Contudo, para o entendimento da presença – ou ausência – de políticas urbanas durante o período da Ditadura, faz-se necessário discutir dois pontos: o Plano Nacional de Desenvolvimento, em suas duas primeiras edições para a temporalidade abarcada neste texto, e sua ligação com a organização do espaço, sobretudo o urbano.

Para a economista brasileira Patrícia de Oliveira Matos, o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) de 1972 a 1974, objetivou elevar o Brasil à categoria de país desenvolvido, segundo os parâmetros do contexto de Guerra Fria. Focado principalmente nas questões econômicas, mas também com alguns pontos programas sociais, o I PND focava em áreas da indústria pesada, como a petroquímica, aeronáutica, transportes, energia e outras. Para a autora, alguns pontos tiveram êxito em sua realização, destacando a elevada taxa de

---

<sup>24</sup> SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 29.

<sup>25</sup> Ibid., p. 36-37.

crescimento e do aumento do número de indústrias e manufaturas em território nacional. A principal indústria responsável pelo crescimento foi a automobilística. As pautas sociais, como saneamento, pesquisa, educação e saúde, assim como distribuição de lotes no campo, teriam ficado de lado por total ou sido cumpridas em baixa porcentagem.<sup>26</sup>

O primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento, ao falar sobre o território brasileiro, tem como motivo uma nova organização espacial visando a desconcentração causada pelo inchaço populacional e metropolitano dos anos de 1950 e 1960. O princípio para as cidades brasileira era a dispersão da intensa atividade econômica para fora do eixo São Paulo-Rio-Belo Horizonte, visando a integração do resto do país, principalmente Leste-Oeste, abarcando o Nordeste e a região Norte, por conta de sua extensa mão de obra não qualificada e barata e a grande quantidade de matéria-prima não explorada, respectivamente<sup>27</sup>. Tendo em vista tal planejamento, as cidades do eixo citado teriam menores taxas de entrada de migrantes ao longo do tempo, visando a melhor organização do espaço urbano: “Isso implica reorientação dos fluxos migratórios, a fim de evitar que se dirijam para os núcleos urbanos do Centro-Sul.”<sup>28</sup>

O limite do I PND sobre a questão urbana encontra seu limite nesse problema: há um inchaço populacional e para o Estado organizar as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro serão criadas as regiões metropolitanas, com objetivo de integrar esforços de todos os entes federativos, sem retirar de tais regiões o protagonismo na urbanização e industrialização brasileira.

O princípio de uma legislação econômica que trabalhe e organize o espaço urbano brasileiro existente no primeiro PND, encontra maturidade em sua segunda edição. Principalmente no capítulo IX, intitulado “Desenvolvimento urbano: controle da poluição e meio ambiente”, o governo ditatorial elenca uma série de problemas desde o início da “revolução” e estimativas para a virada rumo à década de 1980. Ao longo das páginas destinadas a temática, a legislação aborda três principais problemas<sup>29</sup>:

- Urbanização causada pela acelerada industrialização;

---

<sup>26</sup> MATOS, Patrícia de Oliveira. **Análise dos planos de desenvolvimento elaborados no Brasil após o II PND.** Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2002, p. 46-48.

<sup>27</sup> BRASIL. Lei nº 5727, de 4 de novembro de 1971. Dispõe sobre o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento – I PND, para o período de 1972 a 1974. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, dez. 1971, p. 24.

<sup>28</sup> Ibid., p. 25.

<sup>29</sup> BRASIL. Lei nº 6151, de 4 de dezembro de 1974. Dispõe sobre II Plano nacional de desenvolvimento – II PND. **Diário Oficial da União**, dez. 1974, p. 66.

- Desequilíbrio no sistema urbano brasileiro, contendo grandes metrópoles e diversas cidades pequenas pulverizadas pelo território, sem a presença considerável de cidades médias;
- Degradação da qualidade de vida e má distribuição dos já poucos equipamentos públicos pelo território nacional, em sua maioria concentrados no Sudeste;

Obviamente, a legislação não será totalmente examinada por não ser o intuito do presente texto, cabendo somente alguns pontos sobre a política de organização das cidades brasileiras. O que nos interessa no II PND é, em especial, a regionalização do território nacional e ordenamento para as cidades médias.

O texto prevê estratégias para todas as regiões do país, principalmente para as com menores taxas de urbanização e ocupação do solo continuamente. Aqui abordaremos somente as premissas para a região Sudeste.

“A desconcentração intra-regional do sistema urbano dominante na região Sudeste, através principalmente do esforço prático de evitar o crescimento excessivo das grandes aglomerações urbanas de São Paulo e Rio de Janeiro”<sup>30</sup>. Na região citada, a preferência de ordenamento do espaço urbano propôs o investimento em cidades caracterizadas como polos regionais já existentes e, também, a criação de outros pelos quatro estados que a compõem.

Apesar do governo ditatorial objetivar a criação desse processo de interiorização e fortalecimento das cidades médias no Sudeste, tal fenômeno já havia se iniciado, sobretudo no estado de São Paulo. Milton Santos ao falar sobre a economia política da cidade nos aponta aos acontecimentos da RMSP (Região Metropolitana de São Paulo) desde o início da década de 1970. Segundo o autor, a capital paulista, assim como suas cidades em conurbação, estariam perdendo o protagonismo no crescimento e participação do PIB nacional. “Não é São Paulo que deixa de crescer. Mas outras áreas do Estado de São Paulo e o país como um todo que crescem mais”.<sup>31</sup>

Através dos dados obtidos por Santos em pesquisa empírica, o interior de São Paulo teria passado por uma intensa reorganização dos setores agrícolas, mas com destaque para o industrial. Aqui destacaremos dois campos essenciais para o II PND e que tiveram expressivas mudanças no período, sobretudo na cidade foco desta pesquisa: o setor mecânico tem um

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 68.

<sup>31</sup> SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 52.

crescimento 10,1% entre 1970 e 1980, assim como o setor química que passa de 18,5% em 1970 para 32,7% em 1980, quase dobrando sua participação na indústria do estado<sup>32</sup>. Assim, é pertinente a afirmação do autor sobre uma nova divisão do trabalho pelo território, com crescimento do setor de serviços nas capitais e esse junto do industrial no interior, sobretudo o paulista para esta pesquisa.

A todo esse processo exposto, Santos denomina involução metropolitana. Para nós, esse debate realizado no em seu livro citado anteriormente é essencial, uma vez que dialoga com outras teses do período, sobretudo com as ideias de involução urbana, proposta por Armstrong e McGee, e da ruralização urbana, de Bryan Roberts. Segundo tais autores, o que ocorreria no Brasil, assim como em outros países capitalistas no período, seria uma constante taxa de crescimento populacional nas cidades, aonde modernização fomentaria a pobreza, muito relacionada à constante migração de outras regiões distantes e de zonas rurais. Para Santos, tal teoria sobre a realidade brasileira seria equivocada, uma vez que as taxas de crescimento industrial, de serviços e até mesmo dos salários não passariam por uma crise tão intensa como nas capitais metropolitanas, como São Paulo e Rio de Janeiro<sup>33</sup>. Assim, categorizar involução urbana proposta pelos autores estadunidenses citados não caberia a realidade brasileira das décadas de 1970 e 1980 e a interiorização de setores.

Voltando ao II PND, outros pontos ganham destaque em suas páginas. Primeiro, a prioridade de atuação sob cidades com até 50 mil habitantes é colocada como orientação e diversos esforços são citados como possíveis medidas. Dentre elas figuram áreas de turismo, estâncias hidrominerais, cidades históricas, combate ao crime e, de modo principal, o investimento em infraestrutura e programas contra favelas<sup>34</sup>. Esse último ponto será de especial importância no segundo capítulo desta pesquisa.

Também se fazem presentes outros eixos no Plano. Como a economista Marília Steinberger e a arquiteta Gilda Collet Bruna colocam, o capítulo IX citado acima é foi um marco para a política urbana brasileira à nível nacional. Até então, estratégias locais ou estaduais teriam sido realizadas, mas nada que envolvesse todos os entes da União sob um mesmo planejamento. Para as autoras, as principais influências do planejamento foram do *comprehensive planning* inglês, do *land use* estadunidense e do *aménagement du territoire*

---

<sup>32</sup> Ibid., p. 57.

<sup>33</sup> Ibid., p. 72-74.

<sup>34</sup> BRASIL. Lei nº 6151, de 4 de dezembro de 1974. Dispõe sobre II Plano nacional de desenvolvimento – II PND. **Diário Oficial da União**, dez. 1974, p. 71.



francês. Também o contexto de “milagre econômico” alavancaria a possibilidade de se pensar em tal política nacional, mesmo que não totalmente desenvolvida<sup>35</sup>.

Entre 1950 e 1990, a cidade de São José dos Campos, presente nos planejamentos antecessores dos PND da Ditadura Civil-Militar como o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubistchek, passou por intensas transformações culturais, econômicas e políticas. Em alguns regiões da cidade, fortemente afetadas pela nova divisão territorial do trabalho e pelas intervenções estaduais e federais, bairros de zonas rurais se encontraram cercados por diversos novos loteamentos e antigas regiões afastadas por vazios urbanos (um dos principais problemas do município vigente até hoje) logo se viram conectadas diretamente pela malha urbana ao Centro.

A ocupação do solo do município possui uma longa história, marcada por diferenças em relação às cidades vizinhas. A história do século XIX e, sobretudo, início do XX no Brasil nos mostra que saúde e cidade estão intimamente conectadas. Quando a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), no Centro do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1904 e bairros como Higienópolis em São Paulo foram erguidos, o Brasil passou a figurar entre os países praticantes dos super projetos unindo urbanismo (área ainda recente, principalmente no território brasileiro) e sanitário.

Distante dos grandes centros cafeeiros do Oeste Paulista e da região de Campinas, assim como longe de possuir a infraestrutura oriunda do auge do ciclo cafeeiro de suas vizinhas do Vale do Paraíba, São José dos Campos figurava como rota de passagem entre São Paulo e Rio de Janeiro, assim como posto de descida para o litoral ou subida para a Serra da Mantiqueira. Em contraste com Taubaté, Ribeirão Preto e Campinas (populações de 40911, 59195 e 67694, respectivamente), a antiga Vila de São José do Paraíba contava com 18122 habitantes<sup>36</sup>. Outros dados são importantes para o entendimento da cidade no período, como número de pessoas escravizadas no final do XIX, número de indústrias, podendo ser consultados na pesquisa da historiadora Valéria Zanetti.

---

<sup>35</sup> STEINBERGER, M.; BRUNA, G. C. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ALMEIDA, T; SERRA, R. (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001, p. 1-34. Disponível em: [http://agencia.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cidadesmediabrasileiras/capitulo2\\_cidademedias.pdf](http://agencia.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cidadesmediabrasileiras/capitulo2_cidademedias.pdf). Acesso em: 22/09/2021.

<sup>36</sup> MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. **Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, 1905, p. 101.

Através do discurso contido em almanaques (espécie de revistas concebidas para a exibição do modo de vida pacato do interior e seus benefícios) a cidade de São José dos Campos colocou-se como alternativa para o contingente em constante aumento de tuberculosos, vindos principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro e que não possuíam condições para o tratamento em Campos de Jordão, cidade até então destinada para tal terapêutica, mas de alto custo. Assim, por meio da venda da narrativa de águas limpas, ares puros e ampla vegetação (concebida como inibidora da disseminação dos miasmas vindos dos “tísicos”), a cidade adquiriu título de estância hidromineral, recebendo recursos do governo estadual e podendo planejar algum investimento em infraestrutura de maior porte.

A mobilização de recursos financeiros e mão de obra para a cidade no período foi causadora de uma série de transformação no momento. Abarcando questões de iluminação pública, água e esgoto, mas com destaque para a construção de sanatórios, São José teve sua região central modelada segundo os princípios dos prefeitos sanitaristas: divisão da cidade entre regiões comerciais, indústrias, residências e, uma especificidade, ruas para doentes de tuberculose. Para Zanetti, tais intervenções teriam causado o alargamento de ruas e sua arborização, a busca por fontes de água mais limpas e o alargamento de ruas.<sup>37</sup> Diversas ruas do Centro foram demolidas para dar lugar a ajardinamento público, sob alegações de prejuízos para a circulação do ar<sup>38</sup>, sobretudo as moradias das camadas mais pobres da população, tal qual Friedrich Engels coloca ao analisar as moradias inglesa e a classe trabalhadora que morava às margens do Rio Irk:

“[...] um completo caos de casas amontoadas, todas mais ou menos inabitáveis, cuja sujeira interna corresponde perfeitamente à imundice que as circunda. E como, nessa situação, as pessoas poderiam ser limpas? Não existem as mínimas condições para a satisfação das necessidades naturais e cotidianas”<sup>39</sup>

Todo processo citado até então é colocado por Zanetti como um projeto do poder público municipal vinculado à burguesia ainda incipiente da cidade para a atração de mão de

---

<sup>37</sup> ALMEIDA, Valéria Zanetti de. **Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito aos ares**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 70.

<sup>38</sup> O principal caso ainda notável na região central do município é a orla do Banhado (reserva ambiental) que era composta por casas de ambos lados e, após as reformas, uma das calçadas teve casas, edifícios públicos e comerciais, enquanto o outro lado foi demolido sem quaisquer preocupações do impacto social.

<sup>39</sup> ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 95.

obra barata e a fixação dos nascidos no município, uma vez que era comum a migração para o Oeste Paulista em seu período de maior produção de café<sup>40</sup>.

Nosso foco não está na primeira metade do XX. Apesar de existirem ricas fontes sobre o período (muitas ainda sem qualquer análise por parte de qualquer em história), a urbanização ainda se encontrava incipiente em comparação ao período posterior e o local do município na divisão do trabalho e hierarquia urbana era outro. Assim, focaremos a partir da década de 1950.

Ao longo dos últimos anos, a historiografia que se debruçou a examinar o processo de crescimento de SJC e seus impactos sociais e na memória coletiva, periodizou a história recente do município em três momentos: sanatorial, industrial e o século XXI e os serviços. Autores e autoras como a já citada professora Valéria Zanetti, Geneviève Bollème, Augusto Dias e Simone Narciso Lessa se debruçaram sobre a cidade e seus habitantes enquanto objeto de estudo, incorporando as mais diversas problemáticas, como o trato dos adoecidos, movimento sindical, programas de desfavelização, luta por moradia, entre outras.

Apesar dos debates em torno da rigidez de tais periodizações, tem-se como um marco para a mudança do perfil da cidade a instalação do DCTA (Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial) junto ao ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) na proximidade do que meses após seria a Rodovia Presidente Dutra em 1950 e 1951, respectivamente. A partir do momento, o padrão de uso do solo urbano – assim como o que viria a se tornar urbano – foi modificado, dando destaque para a implementação de dois tipos de empresas: capitais estatais e multinacionais, ambas de grande porte e ao longo da rodovia.

Diferente do praticado até então, que tinha como convenção a instalação de indústrias de pequeno e médio porte próximas à linha férrea e aos bairros mais tradicionais da região Norte, o que se viu foi o uso de fazendas das regiões Leste e Sul como loteamentos para bairros operários e estabelecimento de montadoras, fábricas de roupas e vinculadas à tecnologia. Também, na região central, houve o reordenamento do espaço para a abertura de novos bairros ultrapassando os setores até então dos “tísicos”, com o loteamento de bairros como o Jardim Esplanada, construído sob os preceitos da cidade-jardim, de Ebenezer Howard e similar a bairros da capital paulista como o Jardim América, próximo ao Rio Pinheiros<sup>41</sup>. Importante

---

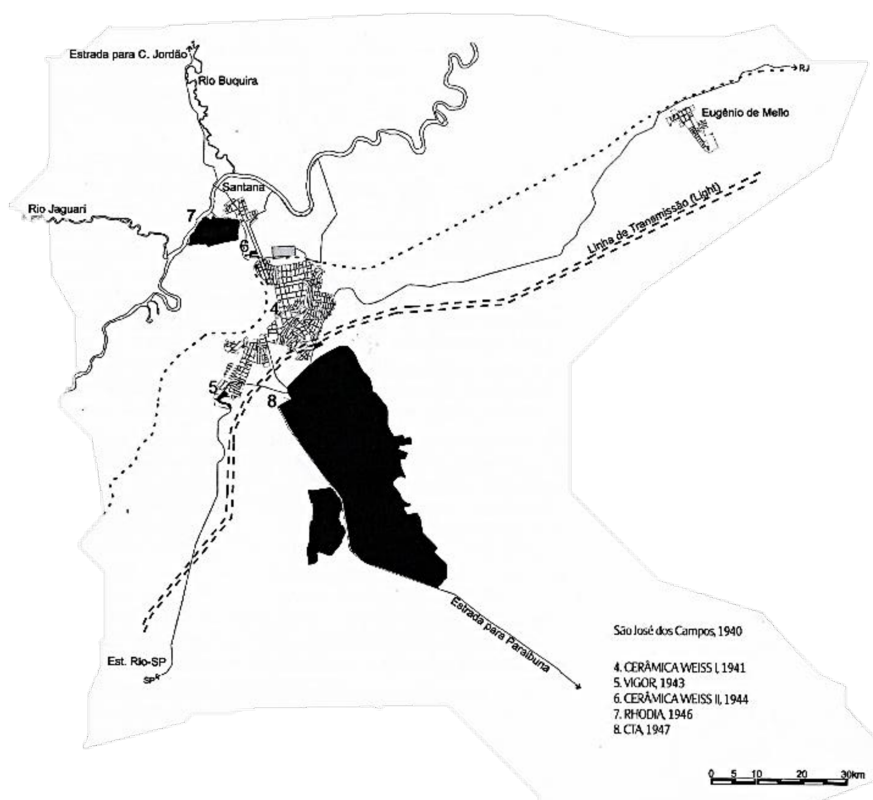
<sup>40</sup> ALMEIDA, Valéria Zanetti de. **Cidade e identidade**: São José dos Campos, do peito aos ares. São Paulo: Annablume, 2012, p. 98.

<sup>41</sup> GARCIA, Marcos de Lázaro d'Ávila. Do contexto histórico e o surgimento do conceito de cidade-jardim e sua chegada no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais eletrônicos...** Vitória: AGB, 2014, p. 8. Disponível em:

apontar os motivos que possibilitaram tal avanço em locais antes considerados “doentes”, sendo o principal a criação da vacina para tuberculose em 1921 e mudança no público atendido pelos antigos sanatórios.

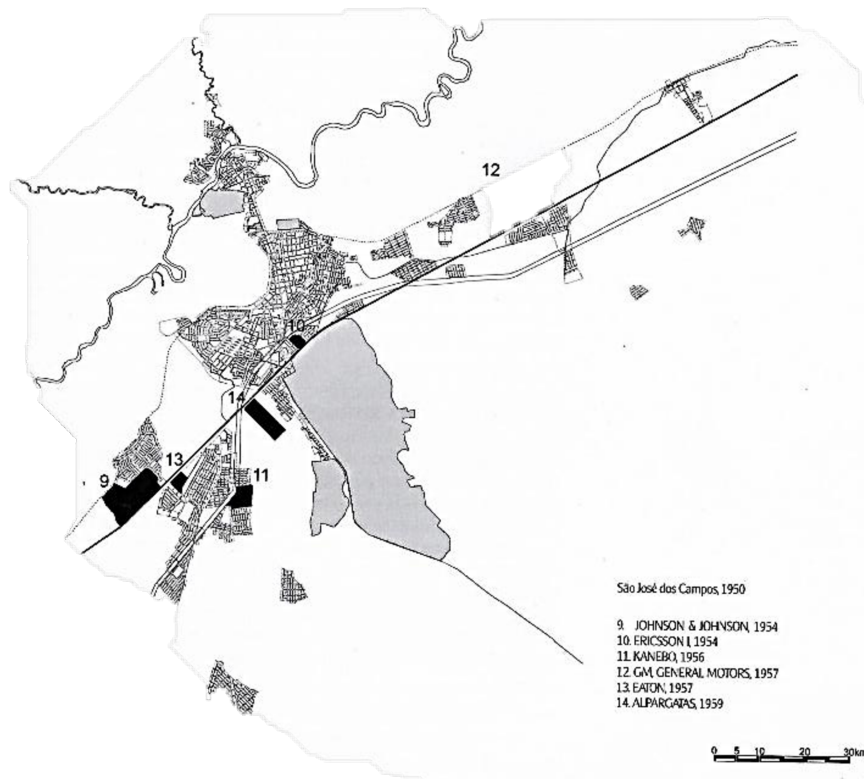
Nos mapas seguintes, percebe-se a diferença em loteamentos urbanos e industriais entre a década de 1940 (intensa atividade hospital) e 1950 (início da industrialização pesada e urbanização acelerada):

**Figura 01** – Mapa de SJC, anos 1940



Fonte: SANTOS (2006, p. 65)

**Figura 02** – Mapa de SJC, anos 1950



Fonte: SANTOS (2006, p. 67)

A evolução da indústria no período, junto à construção de loteamentos por toda a faixa Leste-Oeste, margeando a rodovia, teve íntima relação com a legislação urbanística e do Plano Diretor, como a edição de 1971 que focava em atrair o capital industrial e abrir espaços na região central para infraestruturas de tráfego e equipamentos públicos de grande porte. No período, a questão da imigração foi pauta para a organização do espaço, abarcando dois motivos: o ordenamento dos novos loteamentos e a mudança nos hábitos existentes, considerados provincianos.<sup>42</sup>

Na década de 1970, a economia brasileira se encontrava aquecida por conta de empréstimos e investimentos estrangeiros diretamente no território. Contudo, após o impacto da crise do petróleo, diversas tentativas visaram a continuação de investimentos enquanto tentativa de manter a viabilidade do regime militar. Nessa linha, o período se caracteriza pela

---

<sup>42</sup> LIMIRO, Lúcia de Almeida Terra. **Modos de vida da cidade pequena na cidade grande e análise das práticas de planejamento urbano municipal de São José dos Campos: um estudo de caso no Bosque dos Eucaliptos.** 2006. 225f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, UNIVAP, São José dos Campos, p. 69.

intensa taxa de crescimento industrial, tendo como marco a inauguração da EMBRAER em 1970 e, junto de todo o investimento em tecnologia e maquinário, a organização de bairros novos segundo preceitos da cidade-jardim já citados, mas influenciados também pelo padrão subúrbio, vindo dos Estados Unidos do pós-segunda guerra mundial.

O geógrafo britânico David Harvey explicita, ao falar do processo suburbanização dos Estados Unidos, como se deu a organização da distribuição racial e de classe da população. Obviamente marcados por variáveis e posições no capitalismo extremamente distintas, as falas do intelectual marxista contribuem diretamente para a compreensão dos processos ocorridos no Brasil da década de 1970. O desenho de bairros do município, como o Jardim Satélite, o Bosque dos Eucaliptos e o Cidade Vista Verde foram concebidos segundo os preceitos de bairros para trabalhadores brancos das áreas periféricas dos grandes centros urbanos estadunidenses. A esse último caso, é importante o destaque da influência de empreiteiras dos Estados Unidos, neste caso a Ibecasa Brasileira S.A. Construções e Imóveis, subsidiária do Grupo Rockefeller, que organizou junto a prefeitura o projeto de bairros segundo as ideias de subúrbios (família nuclear burguesa, moradia para o trabalhador de classe média e longe dos centros).

## Capítulo II – “As medidas de um bom negócio”: cidade, fotografia e padrões temáticos-visuais

### 2.1 – Cidade e fotografia

Analisar fontes fotográficas é, certamente, um desafio a qualquer pesquisador e pesquisadora que se coloca diante de um tipo de fonte com um riquíssimo repertório e variedade desde sua origem no século XIX. Alterando o modo como o sujeito da modernidade interage com seus registros, desde o modo como os faz até suas repercussões futuras e implicações nas memórias, as fotografias alterou diversos aspectos relacionados a como se constitui a memória coletiva. Ao longo dos séculos desde sua criação, a fotografia contou com diversos autores que buscavam elaborar sobre como deveriam acontecer as interpretações das imagens, assim como as próprias técnicas fotográficas e a relação entre fotógrafo-fotografado.

Talvez um dos principais problemas advindos do desenvolvimento técnico de novos equipamentos e modos de se retratar a realidade através das lentes tenha sido a interpretação das imagens como a realidade em si. Ao ponto que, segundo o professor Vilém Flusser:

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens... A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado... O que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é “o mundo”, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem.<sup>43</sup>

O perigo de se analisar as fotografias (imagens técnicas) sob tal perspectiva incide nos debates produzidos por diversas correntes teóricas e seus respectivos autores e autoras, mas que aqui será destacada a contribuição do marxismo sobre esse tópico. Abordando principalmente a dimensão da ideologia nas sociedades modernas, o próprio Marx, junto de Engels, alertava sobre a atenção ao mundo como “aparece” e como ele realmente “é”. Tecendo suas críticas aos idealistas alemães do século XIX que em seu contato empírico viam o mundo e o tomavam como realidade sem mediações, Marx discorreu sobre a necessidade de vermos em nosso contato empírico um primeiro passo para o entendimento da totalidade e para chegarmos à

---

<sup>43</sup> FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios sobre uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985, p. 10.

realidade de fato. O objetivo do pesquisador seria apreender a essência do objeto, ao partir de sua aparência e rumando à estrutura e dinâmica<sup>44</sup>.

Ao falar sobre a sociedade burguesa para Mark, o professor de Serviço Social da UFRJ, José Paulo Netto destaca a necessidade de não ter na pesquisa um espaço estranho ao seu sujeito, a não tratar, no caso do presente texto, as fotografias como estranhas e exteriores ao fotógrafo<sup>45</sup>. Assim, entendermos as fotografias deste texto enquanto suportes de memória e objetos produzidos a partir de intenções da sociedade civil enriquecerá a relação com as fontes. Em especial, a disposição de fotografias através de álbuns busca construir narrativas e uma memória coletiva sobre o tema especificado, concebido pelo autor ou organizar de tal disposição fotográfica.

Para esta pesquisa, as obras de três autores e autoras serão essenciais para compor o método pelo qual as imagens serão abordadas: a tese da já citada professora Zita Rosane Possomai o livro da professora Rose Compans sobre marketing urbano e o livro de David Harvey sobre Paris e as reformas urbanísticas do século XIX.

O já citado no capítulo anterior, *Paris: capital da modernidade*, de David Harvey é um exemplo do marxismo e sua relação com as fotografias. A partir do uso de um amplo número de fotografias sobre as reformas urbanas da capital francesa, Harvey tece um diálogo com outras fontes que, para o autor, são imprescindíveis para a realização da pesquisa, como a relação entre literatura e os projetos políticos do período de Haussmann, do mesmo modo com as fontes estatísticas sobre industrialização e mudança populacional, contidas em tabelas e mapas organizados, em sua maioria, pelo próprio autor.

Porém, a principal referência metodológica para trabalharmos as fotografias produzidas pela Prefeitura Municipal de São José dos Campos (PMSJC) será a obra de Zita Rosane Possomai, professora da Universidade Federal do Rio Grandes do Sul (UFRGS). Para além das questões museológicas em que a autora concentra seus esforços de pesquisa mais recentes, o que dialoga com a presente pesquisa são seus textos acerca da relação entre memória e fotografia, em especial das do tipo vistas urbanas.

---

<sup>44</sup> Sobre a diferença entre *aparecer* e *ser*, ver: CHAUI, Marilena. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: Martinsfontes, 2013.

<sup>45</sup> NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 22.



Os álbuns fotográficos construídos pela PMSJC ao longo do século XX, mas em especial na década de 1970, dialogam com a problemática do presente texto de que se tentou construir uma memória de cidade rumando à modernidade e esquecer seu passado colonial, rural e, principalmente, sanatorial. Assim, para além das características icônicas das fotografias, o que se buscará ao longo dos 14 álbuns e 100 fotografias <sup>46</sup>elencadas será compreender “[...] além da imagem propriamente dita, o extra-quadro, ou seja, aquilo que transborda os limites da fotografia e o contexto de investigação, permitindo tornar visível o que é pretendido que se torne invisível na imagem fotográfica”.<sup>47</sup>

As mudanças das cidades brasileiras na segunda metade do século XX, conforme apresentada no capítulo 1 desta pesquisa, marcaram o espaço urbano planejado – ou não – mas também afetaram a relação entre poder público e empresas. Ocupando local na divisão internacional do trabalho de país dependente e que se abriu aos investimentos de multinacionais durante a Ditadura Civil-Militar, o Estado brasileiro investiu em certas áreas, porém coube às cidades a disputa pela captação de recursos, mas sobretudo pela atração e criação de ambientes competitivos segundo a lógica capitalista. Transformando a cidade em empresa e o poder público municipal em gerenciador de um ambiente atrativo, principalmente ao capital internacional, a cidade estudada moldou o ambiente físico da cidade, com destaque aos novos loteamentos próximos de locais de instalação de fábricas, assim como procurou fazer o município aparecer como moderno e distante do passado vinculado à doença.

Nessa linha, os conceitos de “empreendedorismo urbano” e “marketing urbano” utilizados pela arquiteta brasileira Rose Compans, apesar da diferença de temporalidades, parecem explicar e auxiliar no entendimento da realidade de disputa por investimentos externos na conjuntura estudada. Do mesmo modo, o município de São José dos Campos compôs a lógica pela qual:

[...] a cidade torna-se ‘empresa’, equipamentos, serviços e trabalhadores tornam-se ‘mercadorias’, e a competitividade das empresas torna-se ‘competitividade da cidade’ –, como um recurso discursivo pelo qual se atribuem novos papéis e objetivos à administração urbana.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> Para fins organizativos, algumas fotografias não foram analisadas, mesmo que compusessem tais álbuns, por conta de serem registros repetidos. Assim, no Arquivo Municipal de São José dos Campos, os respectivos álbuns fotográficos possuem mais imagens do que as referenciadas nesta pesquisa.

<sup>47</sup> POSSOMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos-Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930.** 2005. Tese (Doutora em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 14-15.

<sup>48</sup> COMPANS, Rose. **Empreendedorismo Urbano: entre o discurso e a prática.** São Paulo: UNESP, 2005, p. 27.

Visando a modernização dos espaços da cidade sob ótica, a compreensão de tais fenômenos através do conceito de “empreendedorismo urbano” enriquece a análise das cem fotografias elencadas para esta pesquisa, no que se refere ao seu uso enquanto discurso e construção de memória.

## 2.2 - Padrões temáticos-visuais

Partindo dessas reflexões, se tem a necessidade da explicação de como ocorrerá a análise das fotografias isoladas e dos álbuns em conjunto. A partir das considerações já expostas de Possomai e sua proximidade com os debates de Ana Maria Mauad, este texto elencou grupos de álbuns produzidos pelo mesmo poder público, embora de diferentes fotógrafos. A partir desse ponto, fez-se necessária a leitura de bibliografia sobre o município abordado e seus processos históricos de imigração, urbanização e projetos durante o período da Ditadura Civil-Militar. Posteriormente, foram construídas categorias como uma base para a análise individual de cada fotografia escolhida, podendo, obviamente, sofrerem alterações, adições e retiradas de acordo com a relação com as fontes. Com base nisso, se organizou um conjunto de padrões-temáticos, metodologicamente próximos aos propostos por Possomai, para serem analisados quantitativamente e qualitativamente. Esses padrões percebidos para a presente pesquisa foram três: circulação urbana e multidão, relação cidade-natureza e infraestrutura.

Além dos aspectos icônicos das fotografias, as questões técnicas também tiveram relevância para a análise das fotografias. Principalmente em relação ao desenvolvimento de novas tecnologias, novas câmeras e modos de fotografar, a pesquisa se enriquecer ao se atentar às questões presentes nas fontes, como o intenso uso da técnica de fotografias aéreas.

Acerca dos padrões, faz-se necessário maior aprofundamento em suas especificidades antes do estudo em si das fotografias. O padrão relação cidade-natureza abarca as fotografias que constroem o diálogo entre o espaço construído pelo homem e a natureza, seja ela de contraste, idealizadora ou harmoniosa. São apresentados postos de trabalho na cidade e a construção de uma modernidade industrial, conforme se abordará posteriormente. Outro padrão, a circulação urbana e multidão engloba os registros realizados pelo poder público sobre a construção e o funcionamento de equipamentos de transporte, mas também busca representar o movimento humano nas ruas e avenidas da região central do município, como festejos e comemorações. Por fim, o último padrão é a infraestrutura que se refere ao planejamento e intervenção do poder

público municipal nas vias e obras de grande porte na cidade, sobretudo na região central e em loteamentos próximos à fábricas e à Rodovia Presidente Dutra, no eixo Leste-Oeste da cidade.

Os padrões, por sua vez, por estar presentes em uma mesma fotografia, não sendo exclusivos. Do conjunto das 100 fotografias organizadas: 32% representam construção de infraestrutura, 48% destacam a questão da circulação, principalmente na altura da rua, mas também com a câmera alta e, por fim, o padrão relação cidade-natureza é apresentado por 15% dos registros.

### 2.2.1 – Relação cidade-natureza

O padrão relação cidade-natureza está presente, particularmente, nas fotografias sobre a área central da cidade e em regiões distantes, então fronteiras de área urbanizada e de novos loteamentos. Das 15 fotografias do padrão temático-visual, quase todas buscam representar a região central em seus registros. As vistas panorâmicas são as mais comuns, por darem conta de abarcar todo o contraste entre cidade e natureza, urbano e rural.

Desde a transição do século XV para o XVI, a arborização urbana se colocou como uma prática comum ao modelo ocidental de construção e organização das cidades, sobretudo os grandes centros urbanos e capitais. Associadas a um padrão comportamental civilizatório e à específicas classes sociais, as árvores que margeavam grandes avenidas, as praças de igrejas e os bosques ao redor das cidades representavam a natureza sob controle do ser humano, principalmente em casos icônicos como os grandes *boulevards* de Paris<sup>49</sup>.

No Brasil, a situação ocorreu de modo distinto. Principalmente ao longo do século XIX e início do XX, as grandes cidades brasileiras e outras envolvidas no ciclo de produção cafeeiro organizaram seu espaço urbano para a contenção de doenças. Conforme apresentado no início desta pesquisa, a própria cidade de São José dos Campos orquestrou a abertura de vias, plantio de arborização urbana e alargamento de outras ruas para a circulação de ar e impedimento da disseminação de doenças, sobretudo a tuberculose.

O discurso da natureza controlado e do paisagismo aparecem de maneira muito presente nas fotografias escolhidas. Apesar de serem 15 as fotos sobre a temática, diversas outras

---

<sup>49</sup> SILVA, Michelly Cristina da. **Arborização urbana em quatro municípios do Leste de Mato Grosso do Sul**. 2013. 66 f. Dissertação (Análise ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2013, p. 12. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/180/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Michelly\\_Cristina\\_da\\_Silva.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/180/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Michelly_Cristina_da_Silva.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

evidenciam em ao menos um dos planos, a presença de jardins públicos, áreas de reserva ambiental ou ruas arborizadas.

**Figura 03** – Vista de São José dos Campos a partir do Banhado



Fonte: AMADO; MIURA (1981)

Nesse registro, a diferença entre os planos é o principal da fotografia. Com a diferença entre a natureza em um primeiro plano, os diversos prédios do Centro e região no meio e, de modo mais leve devido a qualidade da imagem, os morros de serra no fundo, evidencia-se uma diferença gritante entre o ambiente construído e a natureza “intocada” e os locais ainda preservados. A região apresentada pela fotografia é uma área de preservação ambiental, que ganhou tal título pouco tempo após tal registro ser feito<sup>50</sup>. Durante as gestões de prefeitos sanitaristas interventores, a área denominada Banhado recebeu especial atenção com intuito de que contribuísse na qualidade do ar no Centro e na destruição de vírus e bactérias, conforme o senso comum e ao pouco avança da ciência microbiana no momento.

---

<sup>50</sup> SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Lei nº 2792, de 10 de janeiro de 1984**. Declara Área de Proteção Ambiental a Região do Banhado de São José dos Campos e dá outras providências a respeito. São José dos Campos: Câmara Municipal (1984). Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/legislacao/Leis/1984/2792.pdf>. Acesso em: 10. Out. 2021.

**Figura 04** – Banhado e os prédios do Centro



Fonte: MIURA (1979)

Também sobre a relação entre cidade e natureza, os registros da PMSJC destacam a presença das praças e espaços ajardinados, tanto público, quanto privados. Seguindo a lógica apresentada acima da importância desses espaços para a hierarquização da sociedade e diferenciação de grupos através de sua presença e comportamento, as praças da região central tiveram amplos registros. Durante a década de 1970, junto ao intenso processo de urbanização da cidade e também da industrialização, as áreas verdes do Centro do município foram cotadas como locais para constantes reformas. Conforme o Plano Diretor de 1971, o município de São José dos Campos focaria no remanejamento e reformas de um conjunto de três praças da região próxima ao Banhado, muito marcada pelos sanatórios anteriormente e pelo comércio em crescimento na década de 1970. Exemplo desse caso, é uma das fotografias da Praça Afonso Pena, no Centro da cidade. Além da forte presença da arborização urbana e de um conjunto de mobiliários urbanos, as pessoas registradas esperam por um ônibus de modo ordenado, assim como a divisão das próprias paradas segundo a foto, dando a ideia de espaço ordenado e moderno em contraposição ao passado sanatorial. Os ônibus também se dirigem a novos loteamentos do município, conforme mapa apresentado no primeiro capítulo, todos organizados



através da intervenção do poder público junto ao setor privado, principalmente o Jardim Satélite e o Bosque dos Eucaliptos.

**Figura 05** – Ponto de ônibus da Praça Afonso Pena (Centro)



Fonte: AMADO; MIURA (1981)

### 2.2.2 – Infraestrutura

O padrão temático-visual a cerca da construção e representação da infraestrutura é um com maior riqueza de fotografias, tanto em tipos e estilos, quanto em temas retratados. Das 32 fotografias que registram de modo mais explícito o tema, todas buscam registrar e representar obras de grande e médio porte, muito interventoras no espaço urbano do município ao longo da década de 1970 e início de 1980.

Ao longo desse corpus fotográfico, mais da metade busca evidenciar obras de alta intervenção no espaço e que se encontravam em bairros que não o Centro da cidade no período. Visando compor uma ideia de cidade moderna que abandonara seu foco na doença como no passado, as fotografias da São José dos Campos do momento registravam sobretudo obras de abertura de vias expressas e marginais (9 fotografias), construção de serviços públicos como lazer e transporte urbano (18 fotografias) e outros focos.

Sobretudo através de vistas panorâmicas, as fotos produzidas pela PMSJC organizavam a percepção de grandiosidade das obras em detrimento dos sujeitos transeuntes ou trabalhadores

da construção civil. Os 32% de fotografias do padrão infraestrutura seguem tal lógica. Questão importante presente em todas fotografias, para além da “pequenez” das pessoas presentes nas fotos, é a divisão sexual do trabalho presente nos registros. Em todas as fotografias, para além do padrão infraestrutura, não há a presença de mulheres nos campos de obras, exceto como transeuntes ou pessoas visitando tais espaços, reafirmando o padrão nuclear de família burguesa que organizava a sociedade brasileira do momento e hoje ainda se faz presente, embora em menor grau em certos espaços.

Apesar da falta de ferroviárias e metrô como na capital paulista e em seus mais diversos registros fotográficos, as produções da PMSJC evidenciam a figura do carro como modernidade para a cidade. Sendo o motivo de muitas obras de infraestrutura, os automóveis representariam o município como na dianteira do modelo de desenvolvimento do capitalismo do momento. O álbum “Fundo do Vale e Reunião com vereadores” (AMADO, 1976) reúne registros da principal obra na região central da cidade e que se vinculava ao automóvel como vetor de crescimento econômico e modelo de urbanismo a ser seguido.

**Figura 06** – Obra de abertura da Avenida Fundo do Vale



Fonte: AMADO (1976)

Visando representar a cidade como em intensa mudança, as fotografias da obra, como a acima, mostram, para além da “magnitude” da obra perante os trabalhadores da construção civil, o avanço da principal via doméstica em direção aos bairros ocupados e conhecidos como favelas, presentes na região do Córrego do Vidoca no momento. Conforme as autoras Paula Vilhena, Valéria Zanetti e o autor Douglas Almeida apresentem em seu artigo sobre os projetos urbanísticos do momento para o Centro da cidade, a abertura da Avenida Fundo do Vale representou para o município uma passagem o abandono das pequenas vias e à ligação entre a região central e a Zona Sul, no momento em ampla expansão com os loteamentos voltados a receber famílias envolvidas na General Motos, EMBRAER, refinaria da Petrobrás, entre outras indústrias.<sup>51</sup>

Outro eixo englobado pelo padrão infraestrutura é a construção de equipamentos públicos de médio e grande porte, como teatros e terminais rodoviários. Até então marcada por construções de pequeno porte e, em sua maioria, de estilo barroco e colonial, alguns edifícios públicos da cidade tiveram suas funções transferidas para outros em bairros próximas da região central e que possuíam características modernas. Destacando principalmente a presença do concreto armado, item propagandeado enquanto sinônimo de modernidade no período, antigos teatros, rodoviárias e até mesma a sede do poder executivo foram transferidos para nova localidades<sup>52</sup>. Aqui, destacaremos a construção de um anfiteatro e do Paço Municipal.

A antiga sede do poder municipal encontrava-se no Centro do município, construída e ornamentada em estilo barroco e também muito ligada ao período sanatorial que a administração municipal (em muitos momentos, empossada pelos generais do Executivo Federal) tanto almejava colocar na história, em um museu, como algo a ser lembrado, mas não vivido no cotidiano. Similar a esse “problema” no Centro, encontrava-se também o Cine Teatro Benedito Alves, antigo prédio construído para abrigar eventos de igrejas católicas da cidade. Assim, entre 1975 e 1976 a PMSJC organizou obras, como a já dita Avenida Fundo do Vale, mas também a criação de um anfiteatro de grande porte e uma nova sede para o poder Executivo municipal. Na tentativa de alterar o local de tais serviços públicos para outros com estilo arquitetônico contrastante ao colonial e próximo ao que se via como moderno em São Paulo e Brasília, a Prefeitura na recordação do antigo:

---

<sup>51</sup> SILVA, Douglas A.; VIANNA, Paula Vilhena; ZANETTI, Valéria. Urban planning, agents and representations: creation of the Banhado, São José dos Campos landmark. *Ambiente & Sociedade* [online]. 2017, v. 20, n. 02 [Acessado 11 out. 2021], p. 159-180. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC307R1V2022017>>. ISSN 1809-4422. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC307R1V2022017>.

<sup>52</sup> SANTOS, Roberto; OLIVEIRA, Bernardo. A armação do concreto no Brasil: história da difusão da tecnologia do concreto armado. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v.15, n.16, 1<sup>ª</sup> sem. 2008, p. 51.



[...] alguma coisa que está distante, mas não é nem recuperação, nem aquisição de memória. Entretanto, o processo de recordação compreende a memória e vai acompanhado dela. Os atos de recordação acontecem quando um movimento sucede naturalmente a outro, evocando elementos próximos da lembrança perdida, como coisas que antecederam ou sucederam aquilo que se quer lembrar. Ao recordar, reexperimentam-se os primeiros movimentos em relação àquilo que é procurado. Segue-se um rastro, partindo do presente em direção ao objeto da busca. Para recordar é necessário encontrar um ponto de partida, o início da série daquilo que sequer lembrar.<sup>53</sup>

O novo Paço Municipal foi idealizado segundo os preceitos modernizantes da Ditadura Civil-Militar, muito próximo à imagem de Brasil como país em rumo ao status de desenvolvido como a construção de Brasília tentou construir. Além dos próprios projetos e fotografias de preparação do solo e abertura para fundações, o álbum que buscou retratar esse investimento em infraestrutura conta com a fotografia de Lucio Costa, urbanista responsável por diversas obras pelo globo, sendo a principal o traçado da capital brasileira no cerrado. Na construção de um ideal de cidade industrial e moderna, o peso dado à presença de Lúcio Costa junto ao então prefeito Ednardo Santos e diversos projetos foi essencial.

**Figura 07** – Recepção do urbanista Lucio Costa pelo prefeito Ednardo Santos



Obras planta Prefeitura - Reunião Dr. Ednardo -  
Fotógrafo Amado - 1976-08-08

Fonte: AMADO (1976)

<sup>53</sup> Almeida, E. de. (2015). Arquitetura e memória. **Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP**, 22(38), p. 74. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v22i38p58-77>. Acesso em: 10/10/2021.

**Figura 08** – Construção do “Teatrão”, anfiteatro no bairro Vila Industrial



Fonte: AMADO (1975)

Na figura 08, além do exposto sobre a transposição de serviços públicos para locais “modernos”, percebe-se a tentativa similar ao feito na construção de avenidas e marginais como dito anteriormente: a representação dos sujeitos (em especial, os trabalhadores) pequenos em relação à “monumentalidade” dos andaimes e das estruturas de concreto armado.

Outro ponto importante se relaciona com os locais de construção de tais edifícios. Saídos da região central em direção aos bairros então tidos como margens da urbanização mais intensa da cidade, eles configuraram uma das iniciativas das gestões autoritárias ou aliadas ao governo federal militar de manter uma forte intervenção do poder público municipal. No caso do novo Paço Municipal, o terreno do prédio localizava-se nas margens da nova avenida exposta acima, antes local de ocupações irregulares sob o ponto de vista da legislação. No caso do Complexo Teatrão, a localização se deu no bairro Vila Industrial, bairro caracterizado no momento pela forte presença de trabalhadores fabris e por acomodar diversos serviços públicos de grande porte, como hospitais e escolas “massificadas”.

### 2.2.3 – Multidão e circulação urbana

Acerca das fotografias sobre o padrão multidão e circulação urbana, os objetos fotografados e os momentos são os mais diversos, dentro do quadro de fontes elencadas. Dentre

os 48% de fotografias sobre o tema, mais da metade acontecem na região central, em especial nas áreas de comércio intenso e em praças. A outra parte ocorre em bairros periféricos, em especial na sede da EMBRAER, na região Sudeste da cidade. Também há registros em bairros no então extremo-sul, no Campo dos Alemães, para o lançamento de moradias sociais.

Diferente dos padrões de infraestrutura e cidade-natureza que eram registrados com câmera alta, panorâmica e, até mesmo, aérea, as fotografias do padrão multidão e circulação urbana destacam muito mais o ponto de vista central e a partir da altura da rua. Para além dos pedestres, a presença de carros se faz importante nesse padrão, em sua totalidade no Centro e região.

Dentro da soma das fotografias da temática, alguns temas se destacam e serão mais abordados ao longo das próximas páginas: transeuntes/comércio e atividades cívicas.

Os processos registrados a respeito do comércio e movimentação de transeuntes aparecem, particularmente, no álbum “Vistas de São José dos Campos” (1981), evidenciando a região central por possuir o comércio de maior porte e quantidade da cidade até o momento. Buscando representar o cotidiano de um município em expansão, como com a inauguração da refinaria REVAP, em 1980, as dezesseis fotografias destacam a dinamicidade do comércio, junto ao crescimento e ordenamento do espaço urbano de uma cidade governada por interventores ou políticos próximos ao projeto ditatorial.

A geógrafa brasileira Renata Rodrigues da Silva expõe como os centros das cidades operaram mudanças estruturais em sua organização e funções na segunda metade do século XX, em especial sobre a maior intensidade do setor terciário, com novas formas de comércio e de serviços<sup>54</sup>. Ao falar sobre a criação de *shoppings centers* no Brasil da década de 1980, a autora dialoga com os fenômenos ocorridos no Centro de SJC registrados pelas lentes das câmeras operadas pelo poder público. Sinônimos de modernidade e altos e médios padrões de consumo, os *shoppings centers* crescem em número e porte durante o período da Ditadura Civil-Militar. Registrando a presença de automóveis, *shopping center* verticalizado e diversos transeuntes, diversas fotografias presentes em álbuns da década de 1980 buscam ampliar o ideário de cidade moderna e organizada.

---

<sup>54</sup> SILVA, Renata Rodrigues da. **Centros comerciais e *shopping centers***: transformações no espaço urbano de Uberlândia (MG). 2012. 181 f. Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, p. 42. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16154/1/CentrosComerciaisShopping.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

**Figura 09** – Shopping Centro e rua movimentada



Fonte: AMADO; MIURA (1981)

Os comércios de rua também aparecem em grande parte dos registros que envolvem a presença de transeuntes. Em todas as fotografias que representam o comércio, o Centro é o foco. Em sua maioria tiradas com o ponto de vista central e seguindo a direção das ruas para causar impressão de grandes direções, as fotos evidenciam a presença de homens e mulheres, poucas vezes crianças, caminhando pela região indo em direção à terminais de ônibus ou comércios. Tais fotografias também destacam a enorme poluição visual com placas de comércios de roupas, farmácias, restaurantes, mas sobretudo agências bancárias.

**Figura 10** – Rua Quinze de Novembro durante uma segunda-feira



Fonte: AMADO; MIURA (1981)

Ainda na região central do município, outros registros se diferenciam pelo tom e objetos fotografados. Contrastando com as fotografias das praças e ruas de comércio tradicional do Centro, álbuns produzidos no mesmo período também procuram construir a imagem da cidade moderna, mas tranquila e calma para se viver. Elencando a região próxima à Avenida Nove de Julho como local, diversas fotografias organizam os objetos icônicos presentes pela lógica do contraste. Principalmente na região citada, as fotografias buscam registrar para o público as ruas e avenidas largas, arborizadas e com iluminação pública, artefato central para a concepção de cidade moderna. Além disso, o local escolhido é o principal. Se há 50 anos, o espaço da região central possuía a quarta zona (sanatorial), no período as antigas ruas e terrenos foram transformados em bairros de classe alta, como o já citado Jardim Esplanada e o ideário de cidade-jardim.



**Figura 11** – Avenida São João numa terça-feira



Fonte: AMADO (1982)

Na fotografia acima, uma de maior destaque do álbum “Avenida São João e Avenida Adhemar de Barros”, a lógica do contraste se faz presente em dois momentos. O primeiro, e já específico no padrão relação cidade-natureza, é a presença de um espaço urbano densamente ocupado, mas com abundante arborização urbana. Para Michelly C. da Silva, os anos de 1980 foram o ápice das taxas de aumento na urbanização brasileira na segunda metade do século XX e marcaram o pior momento da arborização urbana<sup>55</sup>. Normalmente com baixíssimas taxas de

---

<sup>55</sup> SILVA, Michelly Cristina da. **Arborização urbana em quatro municípios do Leste de Mato Grosso do Sul**. 2013. 66 f. Dissertação (Análise ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2013, p. 15. Acesso em: 10.out. 2021.

arborização, as cidades e outros bairros destoavam do padrão de urbanismo adotado pela PMSJC para o bairro na divisa da área central com a região Oeste da cidade. Mantinha-se, portanto, a ideia de uma cidade arborizada e com bons ares, vinda do período sanatorial se mantinha, mas procurava-se apagar e colocar em segundo plano os hospitais da tuberculose, como na figura 11. Além da arborização da antiga região de pessoas tuberculose, um edifício diversos pavimentos que reporta ao novo momento da economia da cidade se defronta com um muro branco do outro lado da avenida que restringia o perímetro do antigo Sanatório Vicentina Aranha, abordado no capítulo 1 deste texto por conta de sua importância como maior sanatório da América Latina no período. Em menos de cinquenta anos, uma das chaves da economia, aparece nas fotografias como local secundário e fechado por muros e plantas, isolando-o do resto da vida cotidiana da cidade.

Já sobre as atividades cívicas, como já dito, grande parte foi organizada pela própria gestão do município em datas comemorativas, algumas vinculadas ao ideal do regime civil-militar. Dois momentos se referenciam à EMBRAER nas fotografias elencadas para o padrão multidão e circulação urbana. Ambos se relacionam a ações do governo federal para a criação e incentivo da indústria aeronáutica e bélica no país: o primeiro é um álbum de 1976 sobre a visita do presidente militar Ernesto Geisel à São José dos Campos para conhecer as instalações da empresa aeronáutica em que diversas pessoas, entre homens e mulheres, acompanham o lançamento de novas aeronaves para uso de aviação doméstica, evidenciando o que era considerado o novo eixo da economia do município. O principal do álbum de 76 é a forte presença de militares dentre os organizadores do evento e da gestão da empresa. As fotografias, no geral, apresentam um ponto de vista descensional e de câmera alta, visando registrar toda a multidão em volta da aeronave.

**Figura 12** – Lançamento de aeronave durante visita do presidente Geisel à SJC



Fonte: AMADO; JOÃO (1976)

Dentre os três momentos de maior registro de multidões e circulação urbana, as atividades cívicas. Principalmente, são duas as datas mais importantes para as câmeras do poder municipal: o aniversário da cidade e o Dia do Trabalhador.

Em meio aos prédios da região central, em uma rua fechada para a passagem do desfile cívico-militar, o carro de destaque do aniversário da cidade de 1976 visou homenagear a EMBRAER, criada a menos de dez anos, como um símbolo do município. Com a presença de diversos policiais pela rua, buscando conter a multidão de adultos (homens e mulheres em números similares) e crianças, o foco se dirige ao carro alegórico com a figura do avião, quase um novo símbolo da cidade que procurou adotar cada vez mais a indústria como insígnia de seu status.



**Figura 13** – Desfile no aniversário da cidade



Aniversário de São José dos Campos. Fotógrafos: João e Amado. 27/07/1976

Fonte: AMADO; JOÃO (1976)

Com outra forte presença da EMBRAER, dos militares envolvidos na gestão das empresas e do município, mas também das escolas municipais, o tom do desfile do 1º de maio do ano seguinte se direcionou para a questão da moral e da ordem. Remetendo à diversidade de origens no município causada pela migração intensa, carros alegóricos e apresentações da Prefeitura buscaram destacar a presença dos valores citados anteriormente como centro do dia.

Figura 14 – Desfile do 1º de maio de 1977



Fonte: JOÃO (1977)

Na fotografia acima, talvez a principal do extenso álbum “Desfile 1º de maio”, diversos atributos icônicos se destacam e merecem melhor atenção. Num primeiro plano e com centralidade na foto (importante destacar que todas as fotografias do álbum seguem a mesma organização de ponto de vista central, na altura do transeunte e com foco nas pessoas durante o desfile, diferente dos outros álbuns) está um carro da PMSJC com a presença de seis crianças vindas das escolas públicas municipais da cidade. Para além da representação de crianças em desenvolvimento e como símbolo de futuro, as escolhas das vestimentas e maquiagens se destacam por aludirem a diferentes etnias e raças. Aparecem representadas pessoas brancas uniformizadas e com tom mais formal, ao passo que dois meninos são montados para o registro vestindo fantasias de “caipira” e “indígena”, na linha da doutrina da Ditadura para a questão da cultura e da unidade nacional sob o signo da democracia racial<sup>56</sup>. Um outro atributo icônico da fotografia é a engrenagem decorativa presente no carro que, além de referenciar à bandeira do

<sup>56</sup> FERNANDES, Natalia Ap. Morato. A política cultural à época da Ditadura Militar. *Contemporânea*, São Carlos, v. 3, n. 1, jan.-jul. 2013, p. 189-190.



município escolhida em 1960, busca homenagear e ligar as indústrias ao desenvolvimento dos trabalhadores e das crianças na cidade.

Um último registro, mais posterior datando de 1981, mostra a entrega de unidade de habitação popular no bairro Campo dos Alemães para a população local. Entre 1970 e 1980, a PMSJC realizou uma série de desalojamentos de habitações tidas como irregulares, como já exposto ao falarmos do padrão infraestrutura. Com objetivo de abrigar grande parte desses moradores, foi iniciado um loteamento na então periferia da zona Sul da cidade, sob responsabilidade da URBAM (Urbanizadora Municipal), empresa de economia mista com participação majoritária da Prefeitura.

Em janeiro de 1981, o então prefeito eleito Joaquim Bevilacqua participou da cerimônia de entrega de unidades embriões da EHMA (Empresa Municipal de Habitação) para os antigos moradores e moradoras das comunidades próximas ao Centro<sup>57</sup>. Dentre os seis registros, o principal tem como centro em um dos planos o prefeito e, acima dele, uma faixa sobre os moradores do futuro bairro.

**Figura 15** – Entrega de casas embriões no Campo dos Alemães



Fonte: AMADO (1981)

<sup>57</sup> ALVES, Lucas Rocha; SANTOS, Taís Ribeiro dos; ZANETTI, Valéria. Campo dos Alemães: análise da história inicial do programa habitacional (1988-1990). **ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR**, XVI; XII; VI, 2012, São José dos Campos-SP, p. 2.

Construído a mais de 12km das antigas ocupações próximas ao Centro, o novo bairro aparece segundo a linguagem contida na fotografia como uma solução para os problemas de moradia e serviços públicos na cidade capitalista. O ponto de vista ascensional e central destaca a figura do prefeito em meio à população em uma mesma faixa de altura, colocando-o entre as pessoas na situação de vulnerabilidade social. A intenção do uso do termo “favelado” busca aproximar a Prefeitura das pessoas público-alvo do programa.

## Considerações Finais

Quatro prefeitos. Dois interventores. Esses são os números que representam as gestões da Prefeitura Municipal de São José dos Campos na temporalidade da presente pesquisa. Ao longo das duas décadas de fontes, objetivei tecer o diálogo entre fotografia e cidade, em especial as vistas urbanas. Ao longo das páginas tentei realizar um movimento de entender as fotografias em suas historicidades, tendo os limites postos pela impossibilidade de acesso a certas fontes por conta da pandemia da COVID-19.

Trabalhar com registros visuais, em especial as fotos, é uma tarefa complexa. Ora levados a analisar as fotografias como retrato da realidade, ora a utiliza-las como meio ilustrativo de um passado já não presentes, nós, historiadores e historiadoras, passamos por esse tortuoso caminho de, em sua totalidade, compreender os processos envolvidos nessas captações de momentos estáticos do passado.

Dado o caráter da pesquisa, assim como seu fôlego e volume, não se integrou aos objetivos realizar um levantamento de dados estatísticos novos e de contribuir nesse processo. Diversos autores e autoras citados ao longo das páginas possuem trabalhos brilhantes sobre cidade, fotografia, memória, urbanização, entre outros temas e que contribuem muito à pesquisa. Meu objetivo se seguiu a utilizar as fotografias produzidas pelo poder público municipal, até então organizadas e arquivadas pelo Arquivo Público Municipal, mas que não possuíam qualquer tipo de ensaio ou investigação fora do período sanatorial da cidade, principalmente o vácuo existente nos estudos sobre a Ditadura Civil-Militar.

Assim, os 14 álbuns e 100 fotografias analisadas contribuíram em grande medida para o estudo da construção de um imaginário visual pelo poder público para a cidade. Em ritmo de transformação e de crescimento das desigualdades sociais dada a velocidade de urbanização e do modo de produção, a São José dos Campos industrial almejava o abandono das marcas da tuberculose no município e em seus moradores. As fotografias divididas entre relação cidade-natureza, infraestrutura e multidão e circulação urbana organizaram uma nova cidade nas câmeras e imagens divulgadas pelo poder público à nível municipal e destacaram o aspecto da mudança urbana e na cultura da cidade. Mudanças na bandeira da cidade, em seu hino, paisagem no Centro e região, construções de bairros enormes para o padrão do momento nas periferias e subúrbios, tudo isso se viu representado pelas lentes da PMSJC com o intuito de construir e reforçar, cada vez mais forte ao longo da temporalidade dos álbuns, um senso de cidade

moderna e que guardou para si somente os pontos positivos do período vinculado ao bacilo de Koch.

Retratado nos registros fotográficos, esse senso de cidade moderna não possuía correspondência na cidade real, na produção e reprodução da vida material dos moradores e moradoras daquele espaço urbano. Apesar da propaganda de uma cidade “sem preocupações” e com qualidade de vida, os problemas enfrentados por grande parte da classe trabalhadora, seja ela joseense ou a grande maioria migrante no momento, não fogem das câmeras e se fazem presentes em quase todos os álbuns, principalmente os focados no Centro e região central. Mesmo se valendo de recursos fotográficos modernos, assim como de técnicas, as fotografias de vistas aéreas e do topo de prédios no Centro não deixaram invisível o não registrado nas câmeras.

Programas de habitação limitando a cidade a casas e excluindo todos e todas desses bairros da vida urbana. Alargando vias na região central ao passo que se desalojavam famílias. Tecendo uma cidade supostamente organizada e sem os problemas sociais, mas em uma conjuntura de repressão à expressão e liberdade sindical. Todos esses itens, além de diversos outros não citados por não comporem o foco desta pesquisa, possuíam e possuem marcas fortes na memória do município. Cicatrizes das diversas desigualdades de classe, de gênero, raciais e regionais tem sua origem no período e se faz necessário nós, enquanto profissionais que lidam com a história, consultar e compreender esses pontos sensíveis que tanto afetam a realidade das cidades brasileiras. Em todo o país diversos prefeitos do período ditatorial recebem homenagens por terem “ordenado a casa” ao longo dos vinte e um anos de repressão e perseguição do regime. Em São José dos Campos, prefeitos responsáveis por diversas obras e processos, tão citados neste texto, prendiam e eram alinhados dos militares – quando não os próprios -, no entanto recebem até hoje homenagens com nomes de ruas, avenidas, parques e outros equipamentos públicos. Essas 100 fotografias analisadas, presentes em 14 álbuns, mais que registros para a compreensão do passado em sua diversidade de processos, nos colocam, de modo muito mais intenso, inquietações sobre a relação enfática entre cidade, história e memória.

## Fontes:

### a) Fotografias

AMADO. **Aniversário de São José**. 1976. 67 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/07/20/aniversario-sao-jose-dos-campos-fotografos-joaoamado-27071976-lf86/>. Acesso em: 11/10/2019.

\_\_\_\_\_. **Comemoração da “revolução”**. 1976. 4 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/05/24/comemoracao-da-revolucao-31-03-64-banhado-fotografo-amado-1976-03-31-lf65-2/>. Acesso em: 11/10/2019.

\_\_\_\_\_. **Entrega de embriões EMHA**. 1981. 6 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/08/10/entrega-de-embrioes-emha-fotografo-amado-campo-dos-alemaes-30-01-1981lf476/>. Acesso em: 11/10/2019.

\_\_\_\_\_. **Entrega do avião 2000 da EMBRAER**. 1976. 31 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2019/01/23/entrega-do-aviao-2000-embraer/>. Acesso em: 11/10/2019.

\_\_\_\_\_. **Obras Prefeitura Anfiteatro/Rodoviária**. 1975. 10 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/09/21/obras-prefeitura-anfiteatrorodoviaria-fotografo-amado-1975-04-12-lf11/>. Acesso em: 03/09/2019.

\_\_\_\_\_. **Sobral visita obras da Petrobrás**. 1975. 27 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/09/05/sobral-visita-obra-da-petrobras-fotografo-amado-1975-03-02-lf5/>. Acesso em: 03/09/2019.

\_\_\_\_\_. **Vistas Panorâmicas da Cidade 2 – Avenida Teotônio Vilela**. 1982. 11 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2019/06/05/vistas-panoramicas-da-cidade-2-fotografo-amado-avenida-teotonio-vilela-29-09-1982/>. Acesso em: 01/09/2019.

AMADO; JOÃO. **Aniversário de São José dos Campos**. 1976. 67 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/07/20/aniversario-sao-jose-dos-campos-fotografos-joaoamado-27071976-lf86/>. Acesso em: 03/09/2019.

\_\_\_\_\_. **Fundo do vale e reunião com vereadores**. 1976. 40 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/09/01/fundo-do-vale-e-reuniao-com-os-vereadores-fotografo-joao-amado-1976-11-06-lf105/>. Acesso em: 01/09/2019.

\_\_\_\_\_. **Visita presidente Geisel – EMBRAER**. 1976. 15 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/12/01/visita-presidente-geisel-embraer-fotografo-joaoamado-03111976-lf104/>. Acesso em: 01/09/2019.

\_\_\_\_\_. **Vistas de São José dos Campos**. 1981. 100 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2019/05/15/vista-de-sao-jose-dos-campos-fotografo-amado-e-miura-22-07-1981/>. Acesso em: 01/09/2019.

JOÃO. **Desfile 1º de maio**. 1977. 89 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/08/09/desfile-de-1o-maio-fotografo-joao-1977-05-01-lf126/>. Acesso em: 01/09/2019.

MIURA. **Banhado e Rodoviária Velha**. 1978. 3 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/05/19/banhado-e-rodoviaria-velha-fotografo-miura-23071979/>. Acesso em: 01/09/2019.

\_\_\_\_\_. **Vistas panorâmicas da cidade**. 1980. 8 fotografias. 3128 x 2346 pixels. Disponível em: <https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/05/17/vistas-panoramicas-da-cidade-fotografo-miura-1980-07-17-1f410/>. Acesso em: 01/09/2019.

b) Folheto/folder e periódicos

ALVES, Xandu. **São José terá condomínio para 'Cidade Tecnológica'**. O Vale, São José dos Campos, 08 de junho de 2019, Economia.

IBECASA BRASILEIRA S/A. **Cidade Vista Verde**. São José dos Campos, s/d. 6 p. Folheto elaborado para a venda de imóveis no loteamento Cidade Vista Verde.

MÉDICI assegura o direito da oposição. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 de março de 1970. Da sucursal do Rio. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700311-29117-nac-0005-999-5-not>. Acesso em: 15/09/2021.

c) Legislação e estatísticas

BRASIL. Lei nº 5727, de 4 de novembro de 1971. Dispõe sobre o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento – I PND, para o período de 1972 a 1974. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, dez. 1971.

BRASIL. Lei nº 6151, de 4 de dezembro de 1974. Dispõe sobre II Plano nacional de desenvolvimento – II PND. **Diário Oficial da União**, dez. 1974.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: São José dos Campos/Trabalho e rendimento 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. **Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, 1905.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Lei Nº 1623, de 30/11/1971**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do município de São José dos Campos, e dá outras providências. São José dos Campos, [1971]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-jose-dos-campos/lei-ordinaria/1971/163/1623/lei-ordinaria-n-1623-1971-institui-o-plano-diretor-de-desenvolvimento-integrado-do-municipio-de-sao-jose-dos-campos-e-da-outras-providencias?q=desenvolvimento>.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Lei nº 2792, de 10 de janeiro de 1984**. Declara Área de Proteção Ambiental a Região do Banhado de São José dos Campos e dá outras providências a respeito. São José dos Campos: Câmara Municipal (1984). Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/legislacao/Leis/1984/2792.pdf>.



## Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Valéria Zanetti de. **Cidade e identidade:** São José dos Campos, do peito aos ares. 2008, 255f. Tese (Doutorado em História) – Pós-graduação em História, PUC-SP, 2008.

ALVES, Lucas Rocha; SANTOS, Taís Ribeiro dos; ZANETTI, Valéria. Campo dos Alemães: análise da história inicial do programa habitacional (1988-1990). **ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR**, XVI; XII; VI, 2012, São José dos Campos-SP

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: editora Brasiliense, 3ª ed., 1997.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII :** volume 1 : as estruturas do cotidiano : o possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade: história e desafios.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 16 – 35.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **O ser humano é um ser social.** São Paulo: Martinsfontes, 2013.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo Urbano: entre o discurso e a prática.** São Paulo: UNESP, 2005.

CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. In: **Estudos Históricos**, v. 22, n. 43, Rio de Janeiro - RJ, jan./jun. 2009.

COSTA, P. E. O. **Legislação urbanística e crescimento urbano em São José dos Campos.** 2007, 257f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo.

COSTA, Sandra Maria Fonseca da; MELLO, Leonardo Freire de (Org.). **São José dos Campos. História e cidade: Crescimento urbano e industrialização em São José dos Campos.** São José dos Campo: Intergraf, 2010.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sobre a questão da moradia.** São Paulo: Boitempo, 2015.

FERNANDES, Natalia Ap. Morato. A política cultura à época da Ditadura Militar. **Contemporânea**, São Carlos, v. 3, n. 1, jan.-jul. 2013.

FILHO, A. Torrão. História urbana. A configuração de um campo conceitual. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 8, 2015. DOI: 10.20396/urbana.v7i1.8642546. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642546>. Acesso em: 28 set. 2021

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios sobre uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FONTANA, Josep. **História depois do fim da História**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

GARCIA, Marcos de Lázaro d'Ávila. Do contexto histórico e o surgimento do conceito de cidade-jardim e sua chegada no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais eletrônicos...** Vitória: AGB, 2014,. Disponível em: [http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404627817\\_ARQUIVO\\_Artigo.pdf](http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404627817_ARQUIVO_Artigo.pdf).

HARVEY **Cidades rebeldes**: do direito à cidade e à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Paris, capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

\_\_\_\_\_. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LACERDA, A. C.; BOCCHI, J.H.; REGO, J.M.; BORGES, M.A.; MARQUES, R.M. **Economia Brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2010.

LIMIRO, Lúcia de Almeida Terra. **Modos de vida da cidade pequena na cidade grande e análise das práticas de planejamento urbano municipal de São José dos Campos**: um estudo de caso no Bosque dos Eucaliptos. 2006. 225f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, UNIVAP, São José dos Campos.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOS, Patrícia de Oliveira. **Análise dos planos de desenvolvimento elaborados no Brasil após o II PND**. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2002.

MEDEIROS, Mônica Xavier de. **"Bom mesmo é ser metalúrgico"**: vivências de trabalhadores metalúrgicos na cidade de São José dos Campos - SP. 2006. 122f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.

MONTEIRO História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: História & cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, jan-jun. de 2006, p. 11-23.

\_\_\_\_\_. Entre história urbana e história da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n. 1, jan./jun. 2012, p. 101 – 112.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

POCHMANN, Marcio. **Nova Classe Média?** o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

POSSAS, Mário Luiz. Empresas multinacionais e industrialização no Brasil. Notas introdutórias. In: BELUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; COUTINHO, Renata (orgs.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise**. V. 2. 4ª ed. Campinas, 1998.

POSSOMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos-Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. 2005. Tese (Doutora em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: EDUSP, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Michelly Cristina da. **Arborização urbana em quatro municípios do Leste de Mato Grosso do Sul**. 2013. 66 f. Dissertação (Análise ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2013.

SILVA, Renata Rodrigues da. **Centros comerciais e *shopping centers*: transformações no espaço urbano de Uberlândia (MG)**. 2012. 181 f. Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16154/1/CentrosComerciaisShopping.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

STEINBERGER, M.; BRUNA, G. C. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ALMEIDA, T; SERRA, R. (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001, p. 1-34. Disponível em: [http://agencia.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cidadesmediabrasileiras/capitulo2\\_cidademedias.pdf](http://agencia.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cidadesmediabrasileiras/capitulo2_cidademedias.pdf)

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: volume I: a árvore da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.